

PQ

9261

C85H8

1808

RUA DE JANEIRO  
NA BIBLIOTECA POPULAR

DE  
A. A. DE CRUZ COUTINHO

LIVREIRO EDITOR

75 RUA DE S. JOSÉ 75



Class PQ9261

Book C85H8

1808





# O HYSSOPE,

## POEMA

HEROI-COMICO

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

---

— — — Ridentem dicere verum  
Quid vetat?

HORAT. lib. 1. Sat. 1.

— — — Ridiculum acri  
Fortius et melius magnas plerumque secat res.

HORAT. lib. 1. Sat. 10.

---

L I S B O A ,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1 8 0 8 .

*Com Licença.*

PQ 9261  
.C85H8  
1808

122944  
'08



LC Control Number



tmp96 031587

---

---

## A R G U M E N T O .

**J**ozé Carlos de Lara, Deaõ da Igreja de Elvas, querendo obsequiar o seu Bispo o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope á porta da Casa do Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar as suas funções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos que nos saõ occultos, mudou o dito Deaõ de systema; o que o Bispo sentio em extremo, como uma grande affronta feita á sua ill.<sup>ma</sup> pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obsequio, maquinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordaõ, pelo qual o Deaõ fosse obrigado, debaixo de certas multas, a não o esbulhar da pertendida posse, em

que se achava. Deste terrivel Accordaõ appellou o Deaõ para a Metrópole, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreo o Deaõ, e lhe succedeo no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim de Alberto de Matos, o qual recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredito encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Entaõ interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo tribunal mandando ao Bispo dar razaõ do seu procedimento, este cheio de um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordaõ, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dá materia ao Vaticinio de Abracadabro, e é um dos Episodios de que se reveste o presente Poema.



---

---

O H Y S S O P E ,

P O E M A

H E R O I - C O M I C O .

---

C A N T O P R I M E I R O .

**E**u canto o Bispo , e a espantosa guerra ,  
Que o Hyssope excitou na Igreja d'Elvas.  
Musa , Tu , que nas margens apraziveis ,  
Que o Sena borda de arvores viçosas ,  
Do famoso Boileau a fertil mente  
Inflammasse benigna , Tu me inflamma ,  
Tu me lembra o motivo , Tu as causas ,  
Por que a tanto furor , a tanta raiva  
Chegárao o Prelado , e o seu Cabido.

Nos vastos intermundios de Epicuro  
O grao paiz se estende das Chyméras ,  
Que habita immenso Povo , differente

Nos costumes , no gesto , e na linguagem.

Aqui nasceo a Moda , e d'aqui manda

Aos vaidosos mortaes as várias fórmas

De segas , de vestidos , de toucados ,

De jógos , de banquetes , de palavras ,

Unico emprego de cabeças ocas.

Trezentas bellas , caprichosas Filhas ,

Presumidas a cercaõ , e se occupaõ

Em buscar novas artes de adornar-se.

Aqui seu berço teve a espinhosa

Escholastica vãa Philosophia ,

Que os Claustros inundou , e que abraçaraõ

Até á morte os perfidos Solipfos.

Daqui sahiraõ , a infestar os campos

Da bella Poesia , os Anagrammas ,

Labyrinthos , Acrósticos , Segures ,

E mil especies de medonhos Monstros ,

A cuja vista as Musas espantadas ,

Largando os instrumentos , se escondêraõ

Longo tempo nas grutas do Parnasso.

Aqui ( cousa piedosa ! ) alçou a fronte

A infipida Burleta , que tyranna

Do Theatro desterra indignamente

Melpomene , e Thalia ; e que recebe

Grandes palmadas da Naçaõ castrada.

Do denso Povo , que o paiz povoa ,

Uns com pródiga mão ricos thesouros ,  
A troco d'uma Concha , ou Borboleta ,  
Ou d'uma estranha Flor , que represente  
As vivas côres do listrado Iris ,  
Dispendem satisfeitos : outros passão ,  
Sem cessar , revolvendo noite e dia ,  
Do antigo Lacio antigos manuscriptos ,  
Do roaz tempo meio-consumidos ,  
Para depois tecer grossos volumes  
Do = H= sobre a pronuncia ; ou se se deve  
A conjunção unir ao verbo , ou nome ,  
Que marchaõ antes della no discurso.  
Alguns ( misera gente ! ) inutilmente  
Compõem grandes Illiadas , e tecem  
Aos vaidosos Magnates , mil Sonetos ,  
Mil Pindáricas Odes , e Epigrammas ,  
A que apenas de olhar elles se dignaõ.  
Estes , cujas cabeças desgraçadas  
Naõ bastaõ a curar tres Anticyras ,  
Abrazados se crêm d'um santo fogo ,  
E ter commercio com os altos Deoses :  
Senhores da aurea fama , e seus thesouros  
Se inculcaõ aos Heróes , e em seus delirios ,  
Se julgaõ mais felizes , e opulentos  
Que o grande Imperador da Trapizonda ;  
Em quanto , na pobreza submergidos ,

Cobertos de baldões , e de improperios ,  
 Dos Ricos ignorantes , e dos Grandes ,  
 Com mófa , e com desprezo são olhados .

Deste pois populoso , e vasto Imperio  
 Em paz empunha o sceptro poderoso .  
 O Génio tutelar das Bagatellas .  
 N'um magestoso Alcáçar , que se eléva ,  
 Com estranha structura , até ás nuvens ,  
 Assiste o grande Nume ; e d'alli rége  
 A Lunática gente a seu arbitrio .  
 De transparente talco fabricado  
 É o largo edificio , que sustentaõ  
 Cem delgadas columnas de missanga .  
 Nos quatro lados , em igual distancia ,  
 Quatro torres de lata se levantaõ ,  
 Do Capricho obra , em tudo , muito prima ,  
 Onde a materia cede muito á Arte .

Aqui pois a Concelho chama o Génio  
 Do seu Imperio os principaes Dynastas .  
 N'um vistoso salaõ , todo coberto  
 De papel prateado , e lantejoilas ,  
 Se ajunta a grande Corte ; e alli , por ordem ,  
 Assentando-se vai : aos pés do throno ,  
 De alambres , e velorios embutido ,

A Lifonja se via , e a Excellencia ;  
 Segue-fe a Senhora , e abaixo d'ella ,  
 O Dom furrado , as grandes cortezias ,  
 O Wisth , o Trinta e um , os Comprimentos ;  
 E logo o Vampirifmo , os Sortilegios ,  
 Os Sylphos , Salamandras , Nymphas , Gnomos ,  
 E os outros Génios da subtil Cabala.  
 De mil vâas Ceremonias rodeada ,  
 Os affentos reparte a Precedencia.

Composto o graõ rumor , e socegado ,  
 Assim do alto do throno o Genio falla :  
 » Illustres moradores deste excelso  
 Magnifico Palacio , bem sabido  
 Já ha muito tereis o quanto deve  
 O meu augusto Genio , a nossa Corte  
 Ao graõ Prelado , que as ovelhas pasce  
 Dos Elvenfes redis ; notorio a todos  
 Sem duvida vos é , como pospondo  
 Das funções mais piedosas o cuidado  
 As nossas bagatellas , só se emprega  
 Em cousas vâas , ridiculas , e futeis.  
 A corrupta , mas real Genealogia ,  
 O roxo terciopelo dos sapatos ,  
 As pedras , que lhe esmaltaõ as fivellas ,  
 A preciosa Saphyra , a linda Caixa ,

Onde , sobre Amphitrite ( que tirada  
 De escamosos Delphins , n'uma aurea Concha ,  
 Cs verdes Campos de Neptuno undoso ,  
 Cercada de Tritões , núa passeia )  
 Do famoso Martin o verniz brilha ,  
 Seu emprego só são , e seu estudo.  
 Em fim , entre os mortaes , não ha quem renda  
 Á minha Divindade maior culto.  
 Agradecido pois ao grande empenho ,  
 Que mostra em nos honrar , tenho disposto  
 Dar á sua vaidade um novo pasto.  
 Que a uma escusa porta o Deaó saia  
 C'o Hyssope a espera-lo , determino.  
 Deste meu parecer quiz dar-vos parte ,  
 Não só para escutar os vossos votos ,  
 Mas para que saibais , e fiqueis certos ,  
 Que a corte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar ; e confirmando  
 Todo o sabio Congresso o seu dictame ,  
 Um sussurro no Couclave se espalha ,  
 Ao do Zephyro em tudo semelhante ,  
 Quando nas frescas tardes-suspirando ,  
 A bella Flora segue , que travêssa  
 Cá , e lá , entre as flores , se lhe furta.  
 Mas a vã Senhoria , que se lembra ,

Que em caza do Deaõ sempre encontrára  
 A mais benigna , a mais certa guarida ,  
 Que seu nome na boca do Lacaio ,  
 Do Cozinheiro , e da Ama andava sempre ,  
 A cabeça movendo descontente ,  
 Tres vezes escarrou , e a voz alçando ,  
 Desta forte fallou ao graõ Despota :

» Soberano Monarca , que Tu queiras  
 Premiar a quem te honra , empreza digna  
 É de teu coração : eu mesma approvo ,  
 E mil vezes dictára este conselho :  
 Mas que , para o fazer , hoje pertendas  
 Que um Deaõ de *Crescente* , e curta vista  
 A dignidade abata , e a esperar fáia  
 N'uma porta de escada o seu Prelado ,  
 Nem justo me parece , nem louvavel.  
 Se Tu queres honrar sua Excellencia ,  
 Outras maneiras ha de consegui-lo :  
 Na mesma Igreja de Elvas , e Cabido  
 Ha um Pastos , um Sousa , dous Aporros ,  
 Que , juntos com os Pirras , pódem todos  
 Inda á mesma commua acompanha-lo ,  
 Levantar-lhe a cortina do trazeiro ,  
 Lavar-lhe o nédio cu , — e até beijar-lho.  
 Estes , e outros d'esta mesma estofa ,

De que o Bispado quasi todo abunda ,  
 Ás costas vaõ buscar o gordo Bispo ,  
 Que inda que um pouco péza , vem seguro ;  
 Que saõ cavallos mestres , e possantes. »

Mais queria dizer o vaõ Dynasta ,  
 Quando , do seu assento , esbravejando ,  
 Se levanta impetuosa a Excellencia.  
 O furor que lhe inflamma o grave aspecto  
 As palavras lhe corta ; e principia  
 Cem vezes o discurso , e logo pára :  
 Até que nestas descompostas vozes  
 Finalmente atroou a grande sala ;

« Como ! E é possível que haja quem se atreva ,  
 Neste Congresso , a oppor-se , cara a cara ,  
 Aos obsequios , que Tu , oh Nume , ordenas  
 A uma Reverendissima Excellencia !  
 Um Deaõ , c'o seu Bispo comparado  
 Um cominho não é ? Se Tu , oh Nume ,  
 O teu grande projecto não sustentas ,  
 Eu só... » E nisto bate o pé na casa.  
 Ao rijo som da bestial patada  
 Tremeo o regio folio , e o pavimento.  
 Assentos , e Assistentes assustados  
 Cahiraõ pela terra. Entaõ o Génio



Alçando um pouco a voz : » Basta ( lhe disse )  
 Eu disputas não quero em meu Concelho.  
 Minha resolução está tomada :  
 Eu a escrevi , eu mesmo , em meu canhenho ;  
 E o que escrevo uma vez , nunca mais borro. »

Aqui , c'o rosto um pouco carregado ,  
 O Conclave despede ; e logo chama  
 A vistosa Lisonja , que n'um ponto  
 Cem caras , cem vestidos , cem figuras ,  
 Cem linguas toma , e muda brevemente  
 De palavras , e tom , segundo o gosto  
 Dos que o governo tem , e assim lhe falla :

» Magnate principal da minha Corte ,  
 Eu , para executar este projecto ,  
 Entre todos te escolho ; diligente  
 Parte a cumpri-lo ; pois de tuas artes ,  
 E de ti só confio a grande empreza. »

Acaba ; e mais veloz que a leve sétta  
 Parte do Itureo arco , ou na alta noite  
 Cahir se vê do Ceo brilhante estrella ,  
 Vêa o falso ministro , abrindo os ares.

Junto da bocca do cruel Averno ,

A Provincia se vê da Dependencia ,  
Cujos Campos retalba , murmurando ,  
Um pequeno ribeiro de agua turva.  
Não cria em suas margens tronco altivo ;  
Mas só hervas humildes , e rasteiras  
Produz o seu humor ; se algum arbusto  
Mais viçoso rebenta , as suas folhas  
Tem para a terra todas inclinadas.  
Funesto influxo do licor maligno ,  
Que o suco lhe ministra ! Aqui , voando ,  
A Lifonja chegou ; e enchendo de agua  
Uma pequena enfusa , que trazia ,  
As azas abre , parte alegremente ,  
Fendendo os leves ares ; mil Cidades ,  
Mil Povos deixa atraz , até que chega  
Da famosa azeitona á grande Terra.

Aqui , tomando a fôrma do Lacaio  
Do farfante Deaõ , entra na casa ,  
A tempo , que de chambre , e de chinellas ,  
Pela comprida sala passeava ,  
Sorvendo uma pitada de tabaco ,  
Do quando em quando sua Senhoria.  
Ora á janella chega , e applicando  
Uma pequena lente á curta vista ,  
O que passa na Praça vigiava ;

Ora arrotando , para dentro torna.  
Ardia entaõ em calma toda a terra ,  
E o calor , que as goelas lhe seccava ,  
Lhe faz bradar por agua , e caramélos.

A Lifonja , que idoneo tempo vira  
Para tamanha empreza , um copo enchendo  
Da turva Lympha do regato impuro ,  
Com quatro caramélos , n'uma salva  
Lhe levou mui lampeira ; elle sorvendo ,  
Com muita mogiganga o foso affucar ,  
Os dedos lambe , e logo o copo vaza  
Do maligno licor dentro na pansa.  
Acabou de beber ; e pouco a pouco  
O veneno se actua dentro na alma.  
Uma chamma subtil , um vivo fogo  
Lentamente se ateia : arde em desejos  
De ir o Bispo buscar , de offerecer-lhe  
O mais activo incenso ; mil obsequios  
Na cabeça lhe rolaõ , e o transportaõ :  
Da tarde em todo o resto não focega ,  
Nem na profunda noite estas ideias  
O deixaõ descansar um só momento :  
Sobre os fofos colchões revolve o corpo ,  
Mil maneiras pensando de adula-lo.  
Umaz vezes lhe lembra debuxar-lhe

Em dourado papel sua prosapia ,  
 Mas de Genealogia nada entende  
 O triste , por seu mal : outras lhe occorre  
 Ir calçar-lhe os sapatos : com inveja  
 Olha do illustre Almeida a feliz sorte ,  
 Que os pratos , e a bebida lhe ministra  
 Da noite a maior parte assim consome  
 Nestes projectos vaõs ; e em nada assenta.

Até que , junto ao toque da alvorada ,  
 A Lisõja , tomando a leve fórma  
 D'um doce sonho , apenas cerra os olhos ,  
 Entre mil vaõs phantasmas lhe apparece ,  
 E assim lhe falla : « Oh grande Dignidade ,  
 Cabeça illustre do Cabido Elvense ,  
 Se do teu alto engenho hoje pertendes  
 Dar ao Mundo uma prova , humildemente  
 Tomando o bento Hyssope , á porta nova ,  
 Com elle , o teu Prelado , prompto espera.  
 Honrar nossos Mayores cousa é santa ,  
 Que a Natureza inspira : da Syntaxe  
 O Cartapacio diz , que mais illustres  
 Seremos , quando formos mais humildes. »

Neste ponto acordou o Prebendado ;  
 E vestindo-se á pressa , á Igreja corre ,

Sem fazer oração , o Hyssope toma ,  
E com elle , na porta finalada ,  
Sua Excellencia espera : alli apenas  
Da liteira affomou o grande macho ,  
Por terra se prostrou , e desta sorte  
Ao Pastor , que se apeia , o Hyssope off'rece ,  
Que uma santa vaidade respirando ,  
Nelle alegre pegou , e o sacro Asperges  
Circunspecto lhe lança ; em si cuidando ,  
Que todo este profundo acatamento  
A seu illustre berço era devido ;  
E nestas vãs ideias engolfado ,  
Foi devoto cantar a grande Missa.

## C A N T O II.

**R**einava a doce paz na santa Igreja ;  
 O Bispo , e o Deaõ , ambos conformes  
 Em dar , e receber o bento Hyffope ,  
 A vida em ocio santo consumiaõ.  
 O bom vinho de Malaga , o prezunto  
 Da celebre Montanche , as Gallinholas ,  
 As Perdizes , a Rola , o tenro Pombo ,  
 O graõ Chá de Pekin , e lá da Méca  
 O cheiroso Caffé , em lautas mezas  
 Do tempo a maior parte lhes levavaõ ;  
 E o restante jogando exemplarmente ,  
 Ou dormindo passavaõ , sem senti-lo.

Em tanto a Senhoria , em cujo peito  
 Altamente ficou depositada  
 Da soberba Excellencia a petulancia ,  
 Mil vinganças na mente revolvendo ,  
 Comfigo mesma diz : » Que ! Por ventura  
 Não sou Eu a sublime Senhoria ,  
 Ídolo de Pelões , e de Casquilhos ?

Quantas Moças gentís , em cujos rostos  
Entre Lirios brilhar se vem as Rosas ,  
A meu culto não rendem seus cuidados ?  
Quantos graves Varões , que sobre os livros ,  
Ou de cans sob os elmos se cobrião ?  
Nas ricas , o faustosas assembleas  
Não tenho porta franca ? Não me fazem  
Os circumstantes todos mil lisonjas ?  
Não correm apoz mim ? não me festejaõ ?  
Pois como soffro que a Excellencia altiva  
A seus pés me derrube , e me atropelle ?  
Que triunfe de mim impunemente ?  
Ah ! se esta injuria soffro , com desprezo  
Entre a gente será meu nome ouvido :  
Nem em casas armadas de damasco ,  
Ou de panos de raz , onde espumando  
Na rica transparente porcelana ,  
De Caracas se ferve o Chocolate ,  
Roda o Chá , o Caffé , se joga o Wisth ,  
Terei , como costume , entrada livre :  
E sómente nas lojas dos Barbeiros ,  
Ou pintadas boticas , entre as moscas ,  
A vida passarei triste , e sem honra.  
As armas pois corramos , e á vingança ;  
Que desmaiãr á vista dos perigos  
É de animo abatido indício certo.

Mil artes , mil maneiras de vingar-me  
 Buscará minha astucia O mundo inteiro  
 Hoje conhecerá minha potencia. »  
 Disse : e sobre o veloz dourado carro ,  
 Que tiraõ seis Pavões , irada sobe ,  
 Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de Rhodope escabrosa  
 Uma furna se rasga , taõ medonha ,  
 Que um gelado tremor , á sua vista ,  
 Dos timidos mortaes os ossos corre :  
 Aqui lutando sempre em viva guerra ,  
 Rugem mil furacões de oppostos ventos :  
 Aqui se ouvem silvar horrendamente  
 Gorgones , e Cerastes : a Discordia  
 Aqui morada tem , aqui seu trono.  
 A este horrendo hospicio a Senhoria ,  
 Batendo as redeas ás pompofas aves ,  
 Guia o soberbo Carro , espavorida  
 Da triste vista do medonho alvergue.  
 Tres vezes quiz atraz volver o vôo  
 Das bellas aves o soberbo tiro ,  
 E tres vezes o Genio vingativo ,  
 Sacudindo raivoso o longo açoute ,  
 O constrange , por fim , a tomar terra.  
 Alli do Carro desce , e as palpadélas ,



Pela cega Caverna entra animosa.  
No mais profundo da sombria estancia  
Assiste a cruel Deosa , cujo rosto  
Apenas se divisa , á luz confusa ,  
Que espalhaõ , respirando de continuo  
Por olhos , e gargantas , cem Serpentes.  
Aqui o Genio chega ; e derribado  
Pela terra , que beja humildemente ,  
Desta sorte fallou : « Nume terrivel  
Cujos grande poder , cuja vingança  
A Terra faz tremer , e o mesmo Olympto ;  
A teus pés hoje chega a Senhoria ;  
Atrozmente ultrajada , o teu soccorro  
Contra a féra Excellencia humilde implora ;  
Se de peitos illustres gloria , e timbre  
Foi sempre proteger os desvalidos ,  
Tu me vale em meus males , Tu castiga  
D'um Genio insultador a petulancia.  
Além d'isto presumo , não ignoras ,  
Que o farfante Deaõ da Igreja de Elvas ,  
Esquecido da sua dignidade ,  
N'uma porta travessa , o bento Hyssope ,  
Pela baixa lisonja persuadido ,  
Vem , sem brio , off'recer ao gordo Bispo.  
Daqui nasce a Concordia , que hoje reija ,  
Em desprezo da tua Divindade ;

Na mesma Igreja o Ocio , e a Preguiça ,  
De teu poder zombando , nella habitaõ.  
Tu mesma , se o meu pranto te naõ móve ,  
Para credito teu , perturbar deves  
Esta serena paz , que o Ocio nutre.  
Tu podes , se te agrada , a um só aceno ,  
No seio da familia mais conforme ,  
Difensões semear , motins , e bandos ,  
Banhar no fraternal sangue innocente  
O buido punhal ; e n'um momento  
A Terra confundir , e o Mar profundo :  
Mil Fraudes , mil Ciladas , e mil Tramas ,  
Como Escravas fieis , promptas te servem ;  
Do Deaõ fascinado pois desperta  
A innata presumpçaõ , o genio altivo.  
Tu faze , que conheça o desfar grande ,  
Em que cahido tem , e se arrependa  
Do baixo incenso , que á Lisonja rende.  
Tu lhe traze á memoria , que seu nome ,  
Seu nome illustre , na futura idade ,  
Dos Deões no catalogo , com moza  
De todos os vindouros será lido ;  
Sabendo-se , que a tanto abatimento  
Seu spirito chegou ; Tu furiosa  
Os animos altera , e a paz desterra. »

Disse : e o tyranno Nume respirando  
Das entranhas um negro , e vivo fogo ,  
Desta forte responde : « Bem conheço ,  
Oh nobre Senhora , quanto devo  
A teu soberbo influxo ; quantas vezes  
Auxiliado tens minhas Cabalas.  
Sei que , por teu respeito , se não falla ,  
Na Terra , muita gente , as muitas mortes  
De que authora tens sido. Não me esqueço  
Do que devo aos amigos. Vai segura ,  
Que eu já parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui , sobre um feroz Dragaõ montando ,  
Rapidamente vóa : incendios , mortes ,  
Sarrilegios , traições , roubos , ruinas  
Vai deixando a Cruel , por onde passa.  
Chega dos Elvios á Colonia antiga ,  
E vendo de passage os Dominicanos ,  
Entre o Prior , e os frades mil disputas  
Sobre o Chá , sobre o Jogo , e sobre os Doces ,  
Que aos Tafues , com maõ larga , dá na cella ,  
E sobre os trastes , que ás Senhoras manda ,  
Tyrannamente excita : alguns gritavaõ  
Que o Convento roubava , que a Clausura ,  
E religiosa vida se perdêra :  
Outros , cheios de colera , gritavaõ ,

Que por jogar o Wisth , e dar merendas ,  
 As rendas dissipava do Mosteiro ;  
 Que por isso , no santo Refeitório ,  
 A Fome cruelmente os consumia.  
 Mas o santo Prelado , todo cheio  
 De exemplar paciência , e de modestia ,  
 Vociferar os deixa , — e vai jogando.

Entre tanto a Discórdia encara a porta  
 Do grande Presidente do Cabido ,  
 A tempo que estirado , a perna solta ,  
 Sobre um molle Sofá , dormia a festa.  
 Ronçava mui folgado , e cada ronco  
 A grande sala estremecer fazia.  
 Alli , encarquilhando o feio rosto ,  
 Um Rosario tomou , e na figura  
 Da velha , e carunchosa Ama se torna :  
 Assim , a lentos passos caminhando ,  
 Ao Conego chegou ; assim o acorda :

« Como em tão doce paz assim repousa,  
 Dórme , e descança vossa Senhoria ?  
 Ao mesmo passo , que na Terra toda  
 Do seu nome se faz ludíbrio , e mosa ?  
 Como ( discorrem uns ) , como é possível  
 Que o bom Capitular , que vio o Papa ,

Que em Roma converfou com o Datario ,  
 E do fagro Palacio com o Mefre ,  
 Que joga o Trinta e um , e mais o Wifh ,  
 Que Chá , e que Affemblea dá em Casa ,  
 A tanto abatimento hoje chegaffe ,  
 Que á porta da commua o Hyffope traga  
 Para off'rece-lo a um Bispo de má morte ?  
 Outros dizem : — Parece coufa incrível ,  
 Que a principal figura do Cabido ,  
 Que tem lóba de seda , e trouxe ás costas ,  
 Lá da famosa Italia a Senhoria ,  
 Tanto de fi fe esqueça , e do feu cargo ? —  
 E Voffa Senhoria , ao Ocio entregue ,  
 Dorme profundamente ? Acorde , acorde  
 Deffe molle lethargo , que é já tempo :  
 Veja o que deve a fi , aos feus Maiores ,  
 Á grande Dignidade , que , brilhando  
 Com feus rayos , o cerca mageftofa ;  
 E deixe a vil Lifonja , que o arraftra . »

Aqui , os turvos olhos esfregando ,  
 O Deaó abre a boca , eftende os braços ,  
 A cabeça levanta , e desta forte  
 Ao Monftro enganador irado falla :  
 « Que frenezi é este , Velha tonta ?  
 Está fóra de fi ? ou bebeo vinho ,

Que o miolo lhe faz andar á roda ?  
 Reze nas suas contas. Quem a mette  
 Em cousas a fallar , que não lhe tocaõ ?  
 Vá-se logo d'aqui . . . » Nestas palavras  
 Outra vez , sobre o molle traveffeiro  
 A pezada cabeça cahir deixa.

Entaõ a cruel Deosa , ardendo em ira :  
 « Pois não queres de grado ( lhe tornava )  
 Por teu brio acudir , a minha força  
 Agora provarás. » Isto dizendo ,  
 A furtada figura prompta despe ,  
 As hydras arrepella da cabeça ,  
 E cheia de furor , uma arrancando ,  
 No seio do Deaõ , feroz a lança ,  
 E subito pelo ar desapparece.  
 Em tanto a cruel hydra a cauda ferra  
 Do Conego nas miserias entrachas.  
 Em Delphos a famosa Pythonissa ,  
 Toda agitada d'um furor Divino ,  
 Não geme taõ convulsa , taõ raivosa ,  
 Não corre , não retorçe os vivos olhos ,  
 ( Não podendo soffrer a Divindade )  
 Como o pobre Deaõ do Sofá salta ;  
 Correndo furioso toda a sala ,  
 « Armas , armas ( bradava ) , guerra , guerra. »

A estas vozes acode diligente ,  
Da Casa toda a gente ; e presumindo ,  
Que algum grave accidente lhe roubára  
De todo o pouco fizo , pegaõ nelle ,  
E por força o leváraõ para a cama ,  
Onde a cru cachaçaõ , a murro seco ,  
Lhe fizeraõ cessar parte da raiva.

## C A N T O I I I .

**E**ra dia de festa , e na alta torre  
 Da grande Cathedral de vinte sinos ,  
 O grave Carrilhão , rompendo os ares ,  
 Os freguezes chamava á grande Missa :  
 Quando sua Excellencia vigilante ,  
 Montando a gram Liteira , em que se via ,  
 Com modestia exemplar , Venus pintada  
 Sobre hum globo de tenros Cupidinhos ,  
 Qual ao mancebo Adonis , ou a Páris ,  
 Na Idalia selva já se apresentára ,  
 Para a Sé lentamente se encaminha .

Tu , jocosa Thalia , agora dize  
 Qual seu espanto foi , sua *surpresa* ,  
 Quando á porta chegando costumada ,  
 Nella o Deão não vio , não vio o Hyssope.  
 Tanto foi da Discordia o féro influxo !  
 Caminhante , que vê subito raio ,  
 Ante seus pés cahir , ferindo a terra ,  
 Taõ suspenso não fica , taõ confuso ,



Como o grave Prelado : a côr mudando ,  
 Um tempo immovel fica ; mas a raiva  
 Succedendo ao desmaio , entra escumando  
 Na grande sacristia , e d'alli passa  
 Para o Altar mór , aonde se reveste ,  
 Onde , como costuma , em contrabaixo ,  
 Sem saber o que diz , a Missa canta.  
 Toda aquella manhã uma só benção  
 Sobre o Povo não lança , antes confuso  
 Em profundo silencio a Casa torna ,  
 Onde logo a Concelho convocando  
 Toda a grande familia , assim lhe falla :

« Amigos , Companheiros , que o Destino  
 Fez do meu mal , e bem participantes ,  
 O caso sabereis mais execrando ,  
 Que até hoje no mundo se tem visto.  
 O Deaó . . . . » ( E aqui dando um graó soluço ,  
 Em pranto as negras faces todas banha )  
 Suspenso um pouco fica , e logo torna :  
 « O soberbo Deaó , que sempre attento  
 Ao meu alto decóro , o santo Hyssope  
 Vinha trazer me á porta do Cabido ,  
 Hoje não só deixou de vir render-me  
 ( Ah ! que não fei , de nojo , como o conte ! )  
 Este obsequio devido ao real sangue ,

Que nas veias me pulsa heroicamente ;  
 Mas , na sua Cadeira empantufado ,  
 Os Psalmos entoava , em mim fitando  
 A carrancuda vista : de tal forte ,  
 Que mostrava insultar-me , com desprezo.  
 A raiva , e o graõ furor , que a alma me occupaõ ;  
 Me tem fóra de mim : naõ sei que faça  
 Para vingar taõ grande , e atroz delicto.  
 Vós conselho , vós artes , vós maneira  
 ( Pois a vós tambem chega a grande affronta )  
 Me dai , para punir este atrevido. »

Disse : e um grande Lacaio da liteira ,  
 Famoso Rodomonte das tavernas ,  
 A voz tomando a todos , desta fórte  
 Seu conselho propoz : « Taõ grande caso ,  
 Senhor , se leva a páo : eu tenho um raio  
 De sege , ha muito já exp'imentado  
 Em funções semelhantes , eu com elle  
 De sua Senhoria tal vingança  
 Hoje espero tomar , que de escarmento  
 A todos sirva . . . » Aqui o grande Almeida ,  
 Gentil-homem da Camera , e da Boca ,  
 Homem de Gabinete , e de Conselho ,  
 Bom Poeta , Orador , *Petrus in cunctis* ;  
 Que góza do Prelado a confidencia ,

O discurso lhe atalha deste modo :  
« Se este horrendo , execravel attentado ,  
Ao vê-lo , digno de que o sol brilhante ,  
Os rubidos Cavallos afastando ,  
Corresse a mergulhar-se eternamente  
Nas voragens da noite mais espessa ,  
Se houvesse de levar por força , e armas ,  
Eu armas , coração , e forças tenho :  
Mas violentos remedios só se applicação  
Em mal defesperado ; isto supposto ,  
Astucia , e mais astucia se precisa ;  
Que onde reina a Prudencia nada falta.  
Vossa Excellencia conta no Cabido  
A muitos parciaes , e lisongeiros ;  
Estes pois , sendo a Conclave chamados ,  
Poderão sustentar o seu partido ,  
E obrigar que o Deaõ faça por força  
O que fazer recusa voluntario. »  
A estas vozes , babando-se de gosto ,  
O Prelado exclamou : « Oh raro engenho !  
Meu poder , minha força , e meu conselho ,  
O teu voto me praz : segui-lo quero.  
Chamem-me logo logo o douto Andrade ,  
O Graõ Penitenciario , o seco Marques ;  
E o jantar se prepare promptamente. »

Já na soberba meza cem Terrinas ,  
 O vapor mais suave derramando ,  
 A infaciavel Gula provocavaõ ,  
 Quando chegaõ ao cheiro os Convidados ,  
 Que feitos os devidos cumprimentos ,  
 Sem distincção , em torno se affentáraõ.  
 Começaõ a chover logo os manjares ,  
 Cem Perdizes , cem Pombos vem voando ,  
 Cem especies de môlhos , cem de assados ,  
 Grandes Tortas , Timbales , pasteis , cremes ,  
 Cóbrem com symetria a grande mesa :  
 A cabeça não falta de Vitella ,  
 Nem do gordo animal a curta perna ,  
 Cozida em branco leite , ou doce vinho.  
 Mil frutas , mil corbelhas , mil compotas  
 A terceira coberta logo adornaõ ;  
 E em dourados cristaes , oh louçaõ Baccho ,  
 De tuas plantas brilha o roxo sumo.  
 Entre tanto na porta do Palacio ,  
 A cem pobres o Bicho da Cozinha ,  
 Por ordem do Pastor caritativo ,  
 Um Caldeiraõ de caldo repartia.

Entre os cópos , que em tórno sempre giraõ ,  
 Brevemente propoz o gordo Bispo  
 Aos bons Capitulares seu projecto ,

Que todos approváraõ , e alli juraõ ,  
 Pelo doce licor , que impetuoso  
 Pelas veias , e cérebro lhes corre ,  
 De o sustentar — até darem as vidas  
 Por vê-lo felizmente executado.

Affim da lautã mesa entre as delicias  
 Largas horas passáraõ docemente :  
 Em um queijo de Parma inda roia  
 A alegre Companhia , pastejando ,  
 Quando das santas Vesperas , na torre ,  
 Fez final , o relógio , descontente.  
 Ao triste som do abhorrecido sino  
 Se levantaõ em pé os Prebendados ,  
 E fazendo uma longa reverencia ,  
 Correm velozes , por fugir da multa ,  
 A ganhar no alto Coro os seus assentos :  
 Alli mesmo , primeiro que rezassem ,  
 A seus sabios Collegas propuzéraõ ,  
 Que para resolver certo negocio  
 De maior intereffe ao grande Corpo ,  
 Preciso vinha a ser , que ao outro dia ,  
 Em que o Deaõ da Terra se ausentava ,  
 Se ajuntasse o Cabido. Na proposta ,  
 Sem nenhum discrepar , todos concordãõ.  
 Engrolados os Psalms , para Casa

Cada um se partio , em si pensando  
 Qual seria o negocio , que obrigava  
 O Cabido a chamar. Alguns julgavaõ ,  
 Que a pia de agua benta se mudava :  
 Outros , cheios de gofio presumiaõ ,  
 Que para se vender mais caro o trigo ,  
 Que no commum Celleiro se guardava ,  
 Algum Celefte arbitrio se encontrára.

Mas o famoso Bastos , d'outra fórte  
 Comfigo difcorria : « Certamente ,  
 Para nos diftinguir da baixa plebe  
 Dos vis Beneficiados , defta feita  
 ( E como se ufanava ! ) fe nos manda ,  
 Que de verde forremos as batinas ;  
 E que Chapeo azul , com bordas brancas  
 Tragamos na cabeça. » Neste ponto ,  
 Em fi proprio , de gofio naõ cabendo ,  
 Pulava para o ar , batia as palmas.  
 Naõ de outra forte o mifero mendigo ,  
 Que fonha achar thefouros foterrados ,  
 Se alégra , faltà , e folga , e fe imagina  
 Igual ao graõ Sophi da rica Persia ,  
 Que o vaõ Capitular , que já fe pinta  
 Na fua extravagante fantasia  
 A par do graõ Lamá , no faufio , e pompa ,

Ou do féro Muphti dos Musulmanos.

Cheio destas ideias entra em Casa ,  
E para dar seu voto na Affembléa  
Com mais legalidade , pedir manda  
Ao Rabula do Cêa alguns Authores ,  
Que os Canones sagrados commentáraõ.  
O douto Accursio , todo satisfeito  
De poder grangear um Prebendado ,  
Esperando medrar por esta via ,  
E vestir alguma hora a rôxa murça ,  
Digno premio das suas gordas letras ,  
Lhe envia o Bertachino , o grande Granha ,  
Tamborino , Escolano , Spada , e Pichler ;  
Meninas de seus olhos , flor , e honra  
Da rançosa , indigesta Livraria.  
O bom Conego , vendo os grossos tomos ,  
De prazer em si proprio não cabia ,  
Julgando , pelo vulto dos volumes ,  
Que seria qualquer Author de arromba ;  
E sem demora ordena , que lhe tragaõ ,  
Para um voto lançar , que semelhante  
Nas Decisões da Rota não se encontre ,  
Papel de Hollanda , penas , e tinteiro :  
E para que completo em tudo fosse ,  
A Roda da Fortuna , e Cristaes d'alma

Trazer manda tambem , fazendo conta  
 De , em partes , lhe cirzir alguns pedaços ,  
 Que encantado o deixáraõ , quando os lêra.  
 Isto ordenado , para a banca chega ,  
 O lenço tira , o grosso monco affôa ,  
 Tóma tabaco , escarra , os livros abre ,  
 E a folhear começa ; porém vendo  
 Que nada entende do que está escrito ,  
 Para a Ceia se chega , e enchendo a panfa ,  
 Se foi a repoufar no brando leito.

Já a rosada Aurora , derramando ,  
 Do candido regaço , sobre os prados ,  
 Mil orvalhadas flores , despertava  
 Com a tremula luz de sete côres ,  
 Os miseros mortaes a seus trabalhos ;  
 Quando , na grande sala do Cabido ,  
 Se ajuntaõ os zelosos Prebendados ,  
 E tomando , por ordem , seus assentos ,  
 Depois de hum breve espaço de silencio ,  
 Se alçou o grande Abreu , com rosto grave ,  
 E feita huma profunda reverencia ,  
 Desta sôrte fallou : « Cabido illustre ,  
 Exemplar de Cabidos , e virtudes ,  
 Bem sabe vossa illustre Senhoria ,  
 Que goza felizmente a distincta honra



De ter por Chefe , por Pastor , e Bispo  
Um ramo do Real Portuguez Tronco :  
Tambem sabe , que a gloria da cabeça  
Aos mais membros se estende ; e além disto  
Occulto lhe não é quanto se empenha  
Em honrar sua fé este Prelado.

Tu , santa Quarentena , tu o dize ;  
Pois viste a importantissima reforma ,  
Que em nossas grandes Capas fez zeloso  
Este grande Prelado , não soffrendo ,  
De seus Capitulares em desdouro ,  
Os antigos franjados alamares ,  
Que a moda já ridiculos tornára.  
Deixo por ora de fazer memoria  
D'outras grandes acções , em que seu zelo  
Por nós , brilhar se vio : e só não posso  
Em silencio passar aquella rara ,  
Grande , e quasi real magnificencia ,  
Com que sua Excellencia foi servido ,  
A muitos membros deste grave Corpo ,  
Uns Capitães fazer , outros Tenentes ,  
Alguns Alféres , Ajudantes outros ,  
Este Major , Sargento , e Cabo aquelle ,  
Quando a Furia infernal da voraz Guerra ,  
Rompendo as portas do espantoso Averno ,  
Desbocada sahio , o ferro , e fogo

Nas garras facudindo ; e furiosa ,  
 Depois de ter corrido largo tempo ,  
 Com sanguinosa planta toda a Europa ,  
 Em Portugal entrou ameaçando ,  
 De um estrago fatal , noſſas Prebendas ;  
 Nem o raro valor , com que seguindo  
 De ſeus Avós as inclitas façanhas ,  
 Ao ſom da Caixa , e Pifaros , na frente  
 Da brava Eccleſiaſtica falange ,  
 Coronel General dignou chamar-ſe ;  
 Acção , por certo , digna de ſer lida  
 Com letras de ouro , na Gazeta da Haya ,  
 Ou nas folhas volantes , que em Lisboa  
 Os Cégos apregoão pelas ruas.  
 Eſtas razões , Senhores , nos obrigaõ  
 A olhar , como propria , a honra ſua.  
 Ella ultrajada ſe acha indignamente  
 Pelo altivo Deaõ ; pois coſtumando  
 ( Nós testemunhas ſomos , nós o vimos ! )  
 Vir humilde eſperar o ſanto Aſperges  
 A porta deſte Alcaçar , de repente ,  
 Mudando de ſyſtema , hoje refusa  
 Eſte obſequio render , eſte tributo ,  
 De taõ altas virtudes merecido :  
 Turbando injuſtamente em ſua poſſe  
 O grandioſo Prelado. Eſte deſpreſo ,

Esta pois taõ atroz , e negra injuria ,  
 Que em menoscabo feu , nas noffas barbas ,  
 Se fez ao feu caracter , nós devemos  
 Promptamente vingar. Sim , consultemos  
 Os Canones sagrados , e vejamos  
 A fórma , o módo. » Entaõ o Ramallete ,  
 Theólogo chapado , e Canonista ,  
 Que o Dialectico Pharo de cór sabe ,  
 Que de santo Thomaz tem lido a Summa,  
 O Gonet , Busenbaum , Lacroix , Guimenio ,  
 Que sabe decidir magistralmente  
 A famosa questaõ , — se um Burro póde  
O Baptifino beber , ardendo em sede , —  
 Que argumenta nas Theses dos Capuchos ,  
 E inchando do pescoço as cordoveias ,  
 Infere , grita , prova , e nada colhe ;  
 A voz alçando grave , e magestosa ,  
 Nesta fórma votou : « Lavar-se deve  
 Um terrivel Acordaõ , que de exemplo ,  
 Da Historia nos annaes , a todos sirva :  
 O farfante Deaõ seja obrigado ,  
 Delle em virtude , a desistir da força  
 Que ao bom Prelado faz na sua posse ,  
 Fulminando-lhe multas , e outras penas.  
 Este Cabido tem authoridade  
 Para o fazer : em muito bons Authores

Assim o tenho lido : este é o meu voto. »  
O Bastos , neste instante , homem versado  
Na lição de Florinda , e Carlos Magno ,  
Quiz metter seu bedelho ; mas Andrade ,  
De seu discurso não fazendo caso ,  
Do douto Magistral o voto apóia  
Com mil textos que aponta a troxe moxe :  
No Sexto , Decretaes , e Clementinas ,  
Capitulos inteiros terminantes ,  
Para prova-lo encontra ; e a outra turba ,  
Que c'o queixo cahido os escutava ,  
Arqueando , de pasmo , as sobancelhas ,  
No que dizem os dous prompta concorda.  
Em vaõ o Thesoureiro , em vaõ o Chantre ,  
Homens austéros , que adular não sabem ,  
S'oppõem tres vezes ao sinistro Acordaõ ;  
Que a Lisonja astuciosa , que voando  
Sobre suas cabeças , invisivel ,  
Os seus votos inspira , faz que todos  
A callar-se os obriguem , murmurando ;  
E levados da força da torrente  
Assignáraõ tambem o vaõ Decreto.

## CANTO IV.

**N**uma Caza de Campo , descuidado  
Entre tanto , passava alegremente  
O farfante Deão os longos dias  
Em que Phebo insoffrido , unindo as furias  
As que raivoso vibra o Caõ Celeste ,  
Abraza as calvas terras Transtaganas ,  
Quando o Monstro veloz , que por cem olhos  
Todas as cousas vê , e as cousas todas  
Por cem bocas , cem linguas palra , e conta ,  
Com cem azas fendendo os largos ares ,  
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova  
Do barbaro Decreto. Em paz serena  
Então jogando sua Senhoria  
Ganhava um real rober : mas apenas  
As orelhas lhe fere o infausto aviso ,  
Quando subitamente lhe cahiraõ  
Das mãos as Cartas. Pallido , e suspenso  
Largo espaço ficou. — Não de outra sorte  
Immovel fica , que o mancebo ardido ,  
Que seguindo no Campo , com seus galgos ,

O fugaz animal , subitamente ,  
 Ante os pés do Cavallo , vê a terra  
 Em profundos abyssos despenhar-se.  
 Mas das potencias recobrando o uso ,  
 Que o subito desgosto lhe embargára ,  
 Escumando de raiva , entre si disse :  
 « Pois não querem a paz , haverá guerra.  
 Vós , santos Ceos , e Tu , Astro brilhante ,  
 Que o dia trazes , e que o dia levas ,  
 E que eu nascer não vejo ha longos annos ,  
 Vós testemunhas sois , se eu pertendia  
 Mais , que em paz desfructar minha Prebenda ,  
 Comer , jogar , dormir , e divertir-me.  
 Mas já que tu , oh Bispo revoltoso ,  
 E teu infame , adulator Cabido  
 A mudar me obrigais com vós Cabalas  
 De taõ santo proposito , — até onde  
 Chega dos Laras o valor , e o brio  
 Desta vez provareis. » Isto dizendo ,  
 Levanta-se furioso ; e sem respeito  
 Ao real Rober , que ganhado tinha.  
 ( Tanto póde a paixã no peito humano ! )  
 Assim mesmo , e sem ver quanto indecente  
 Foi sempre á Senhoria andar á pata ,  
 Ao caminho se pôz , aos ilhaes dando ,  
 Suando , e merencorio entrou em Casa.

Alli , sem focegar , ora passieia  
 Pela comprida Sala , ora se affenta ,  
 Ora comfigo falla. Em vaõ a mesa  
 Os Criados lhe põem ; em vaõ os gordos ,  
 E tenros Perdigotos , a falada ,  
 A fruta , o vinho , os doces o convidaõ ;  
 Que , sem ceia , esta noite foi deitar-se.  
 Alli a molle pluma se lhe torna  
 Em duro campo de cruel batalha.  
 Mil cuidados o investem , seu decóro  
 Atrozmente offendido , a todo o instante ,  
 Á memoria lhe vem : ora d'um lado  
 Os lassos membros vólve , ora do outro :  
 Suspira , tóffe , escarra , e abrindo a Caixa  
 Toma o infulso rapé , e não focega.

A triste Senhoria , que chorando  
 A deshonra commum , aos pés do leito ,  
 Companhia lhe faz , compadecida  
 Do seu desasocego , veloz parte  
 A trazer-lhe um pezado , e doce somno.  
 Entre as rochas do Bosforo Cimmerio  
 Uma gruta se vê , onde não entra  
 Jámais a luz do Sol , sombria alcóva ,  
 Onde , em triste lethargo submergido ,  
 Repousa o Deos do somno , coroado.

De brancas preguiçosas dormideiras :  
 Em torno ao torpe alvergue não se escuta  
 Com seu canto chamar o esperto Gallo  
 Da Aurora a clara luz ; nem na alta noite  
 Ladrar raivosos cães ; mas só murmura  
 Um placido ribeiro , que respira ,  
 Com o surdo rumor , paz , e descanso.  
 Outros menores somnos , fertil próle  
 Do indolente Morpheo , alli assistem.  
 Tanta espiga não doura a fertil Ceres  
 No caloroso Estio , tantas flores ,  
 Na fresca Primavera , pelos prados  
 Fecunda não produz a Madre Terra ,  
 Quantos alli se vem , todos diversos  
 De genios , de costumes , e de figuras ;  
 Uns de lugubre aspecto , outros de ledos ,  
 Muitos pezados são , muitos são leves ;  
 Estes , entre vaos sonhos , de continuo  
 Pela escura Caverna andão voando ;  
 Os olhos tem cerrados , e dormindo ,  
 De mil heryas lethargicas o succo  
 Expremem d'entre as mãos ; calladamente  
 Aqui se chega a triste Senhora ,  
 E um delles , pelas azas agarrando ,  
 A Casa do Deão , comsigo o leva ,  
 Que urrando de desgosto , não dormia ;



Mas mal o lumiar tocaõ da pórtã ,  
 Quando o humor somnolento derramando ,  
 Do somno pelas maõs , aos olhos chega  
 Do desperto Deaõ , que logo os cerra ,  
 E a resonar começa docemente.

Entaõ o Genio em sonhos lhe apparece ,  
 E fallando com elle assim dizia :  
 » Que é isto , illustre Lara ! Assim desinaia  
 Teu forte coraçãõ ! Como é possível ,  
 Que quem pôde soffrer o grave aspeito ,  
 Em Roma , das maiores Personagens ,  
 Sem susto , sem temor , hoje esmoreça ,  
 Perca toda a constancia , tremã , e géle ,  
 Só á vãã ameaça d'um Cabido ,  
 A quem faltou em ti alina , e cabeça ?  
 Animo pois , valor , e segurança ,  
 Que o Campo cederãõ os inimigos.  
 Nesta Cidade tens discretas pennas ,  
 Tens de Serpa o Auditor , que o velho **Accursio** ,  
 E Bartholo o famoso só despreza ,  
 Porque idolatras foraõ , e adoráraõ  
 A Jove , Marte , e Juno , divindades  
 A quem aras ergueo o Paganismo.  
 O Cea tens tambem , tens o Fernandes ,  
 Oraculos de Astrea , que seu dente

Em Canones tambem mettem oufados ;  
 Estes consulta , e segue os seus dictames ,  
 Para o orgulho abater de teus contrarios. »

« E tu , quem és , Espirito Celeste ,  
 ( O Deaõ encantado , lhe pergunta ,  
 Da graça , que no rosto lhe scintilla )  
 Que a consolar-me vens nos meus trabalhos ! »  
 « Eu sou ( Ella lhe torna ) a Senhoria ,  
 A quem , com tanto extremo , tu adoras. »  
 A estas vozes , da Cama falta fóra ,  
 Por terra se lhe prostra , e bate os peitos ;  
 De gofsto doces lagrimas derrama ;  
 Beijar-lhe quiz os pés ; mas neste instante ,  
 Ella defapparece , e elle acorda.

Já o sol , esmaltando com seus raios  
 A alegre terra , entrava ás furtadélas ,  
 Das cerradas janellas pelas físgas ,  
 E as importunas moscas começavaõ ,  
 Com seu lento susurro , e com os curtos  
 Aguilhões , que nas caras lhes cravavaõ ,  
 Os poltrões a acordar , que inda dormiaõ ;  
 Quando o nosso Deaõ , todo engolfado  
 Na Celeste visaõ , se veste alegre ,  
 As meias *gris de fer* , e mais as luvas .

A Cafaca de seda , e mais a Capa ,  
 Em final de prazer , preparar manda ,  
 O Crescente penteia , e todo guapo ,  
 E do pó facudido , sahe de Caza.

Ha d'Elvas na Cidade um Escritorio ,  
 Onde assiste a Trapaça , e o Pedantismo.  
 Alli os feios monstros consultados ,  
 Do gritador Fernandes pela bocca ,  
 Suas respostas daõ á rude plebe.  
 Aqui o Reverendo Prebendado  
 Seus passos encaminha , e aqui chega ,  
 A tempo , que de Chambre , o novo Cayo  
 A um rude Camponez , que o consultava ,  
 D'uma fraca jumenta sobre o escãibo  
 Com outro seu visinho , respondia :  
 Mil livros tem abertos , e mil textos  
 Em latim , *ad formalia* , lhe repete.  
 Mas se o rustico delles nada entende ,  
 O Doutor muito menos entendia :  
 » O seu caso ( lhe diz ) proprio , escarrado  
 Neste livro aqui temos , vá seguro ,  
 Que , a seu favor , terá final sentença. »  
 Neste momento sua Senhoria  
 Á porta chega , e o graõ Consulto , ao ve-lo ,  
 Logo o rustico deixa , e vai busca-lo.

Á parte se retiraõ : e no caso ,

Que o Deaõ lhe propõe , ambos conferem.

Aqui a Livraria vem abaixo ;

De poeira huma nuvem se levanta ,

Que sabe dos velhos , e traçados livros :

Em vaõ facode os punhos , e a Cafaca

O bom Deaõ ; que quanto mais facóde ,

Mais poeira dos livros vem cahindo.

Lé , e relê o graõ Jurisconsulto ,

E depois confid'rando , assim conclue ;

» Á Metrópole vossa Senhoria

Deve logo appellar. Isto me ensinaõ

Os Doutores , Senhor , que tenho lido. »

- Inda assim ( replicou o fôfo Lara )

Veja vossa mercê sempre o que dizem

No ponto Van-Espen , Dupin , Bartholio.

Esses livros louvar , e seus Authores

N'uma douta Assembléa tenho ouvido. -

» Que Van-Espen , Dupin , ou que Demonio ?

( Disse o Consulto entaõ escandecido )

Esses nomes jámais , esses escritos ,

Nem ouvi repetir , nem meu Peculio

Com elles uma voz alléga , e prova :

Sem duvida seráõ d'alguns Hereges.

Aqui temos o bom Panormitano ,

Em grande letra Gothica , os Fagnanos ,

Valenças , Belarminos , Anacletos :  
 Estes fim , que são livros de mancheia ;  
 E não effes Authores estrangeiros ,  
 Que com sua doutrina a Igreja empestaõ :  
 O que lhe digo , faça. Appelle , appelle ;  
 E deixe-se do mais , que é parvoice.  
 Advirto-lhe tambem , que não se esqueça  
 De pedir os Apostolos ; e sejaõ  
 Os reverenciaes , por que suspendaõ  
 Do malevolõ Acordaõ os effeitos ;  
 E não uma só vez , mas muitas vezes ,  
 Com mais , e mais instancia , instantemente. »  
 - Isso ( diz o Deaõ ) é escusado ;  
 Eu confervo , entre varias baforinhas  
 De Agnus Dei , de Verónicas , de Breves ,  
 Que trouxe lá de Roma , e ao despedir-me ,  
 Me deo o Passionei , uma Cabeça  
 Do glorioso São Pedro , cousa rara !  
 Obra de insigne Mestre. Talvez este ,  
 Como Principe for do Apostolado ,  
 Baste no nosso caso , a serem nelle  
 Os sagrados Apostolos precisos.  
 Veja , Doutor , se tem isto caminho ,  
 Por poupar-me a vergonha de pedi-los.

» Não são effes , ( sorrindo-se lhe torna )

Mas outros , os Apostolos , que digo ,  
 E que precisos faõ no nosso caso.  
 Esta frase , Senhor , entre os Praxistas ,  
 Tem diverso sentido , e significa  
 O como a Appellação deve expedir-se.  
 A alguns destes modernos tenho ouvido  
 Que fõra no Romano Foro usada ,  
 E nelle os Canonistas a pescáraõ ;  
 Eu porém deste achado , e d'outros muitos  
 De que elles se presumem os Authores ,  
 Do bom Phebo , bom Mendes , e bom Pegas ,  
 ( A luz , e nome dos que o Foro cruzaõ )  
 Com punivel despejo motejando ,  
 Cá para mim me rio : pois não acho  
 Em meu Peculio semelhante nota.  
 Faça pois , sem demóra , o que lhe digo ,  
 Que outra estrada não tem , por onde possa  
 Do Acordaõ escapar á sem-justiça. »

Corrido , e aconselhado ao mesmo tempo ,  
 Do Doutor o Deaõ se despedia ;  
 Quando o Consulto dando uma palmada  
 N'um livro , que na banca estava aberto :  
 » Espere ( lhe gritou ) que neste instante  
 Uma cousa me lembra de substancia.  
 De Juizes venaes , e corrompidos

Tudo esperar se deve , e deve tudo  
 Com tempo prevenir o que é prudente.  
 E como os seus , Senhor , saõ deffe póрте ,  
 Se deve recear , que levemente  
 A sua appellação possaõ negar-lhe ;  
 Assim , por evitar longas ambages ,  
 Que dinheiro , paciencia , e tempo gastaõ ;  
 Será melhor , que Vossa Senhoria  
 Appelle logo , — *coram probo viro.* »  
 — E que querem dizer , Doutor amigo ,  
 Effas palavras , — *coram probo viro* ?  
 Que eu do latim estou quasi esquecido.  
 Sem embargo de que ( dizia o Lara )  
 Quando fui Estudante , era eu uma Aguiã  
 ( Naõ o digo , Doutor , por fanfarrice ,  
 Que eu de bazofia nunca tive nada )  
 Em declinar veloz nominativos :  
 E na Classe o tropheo levei mil vezes.  
 Por final , que de téla boas fitas  
 O Mestre me rapou , que era um alambre:  
 Mas voaõ , voaõ os ligeiros annos ,  
 E daninhos comfigo tudo levaõ ,  
 Os gostos , a saude , e a memoria ;  
 E qualquer rapazinho agora póde  
 Rachar-me com quinãos afoutamente. —  
 » Querem dizer , que Vossa Senhoria

( O Fernandes lhe volta ) appellar deve  
 Perante algum Varaõ , que em dignidade  
 Constituido seja ; *verbi-gratia* ,  
 O Guardiaõ dos Capuchos , dos Paulistas  
 O Reitor , o Prior dos Dominicos ;  
 Este foi efficaz , prompto remedio ,  
 Que os famosos letrados Palma , Decio ,  
 Bartholo , Castro , e Baldo descobriraõ  
 Contra injustos Juizes , que denegaõ  
 A justa appellaçaõ aos Litigantes.  
 Esta lembrança minha ; ( naõ entenda  
 Que por gabar-me o digo , os meus estudos  
 Affaz notorios saõ nesta Cidade )  
 Nove vezes ( naõ trato por agora  
 Do Author da Arte legal , nem do Perfeito  
 Advogado , ou do Flavienfe Gomes ,  
 Por serem todos tres de menos polpa ) ,  
 Tenho lido , e cotado em mil lugares  
 O grande Portuguez Cabral , Vanguerve ,  
 E o famoso Bremeu , de cujo livro  
 Faz logo ver o Titulo a grandeza.  
 O mesmo digo do moderno Campos ;  
 Sem que o nosso Ferreira me escapasse ,  
 Authores todos de maior chorume ,  
 Que esses seus Zalweins , que os seus Barthelios.  
 Esta lembrança pois a dizer torno



Nem todos a teriaõ ; não o Cea ,  
 Não o Doutor Caetano , e a récua toda  
 Dos novos letradinhos á franceza ,  
 Que sem tregoa as orelhas nos martélaõ  
 Não sei com que Noodts , nem com que Strachios ,  
 E outros galantes nomes taes como estes ,  
 Que na boca não cabem , nem a lingua  
 Póde , bem que se afane , pronuncia-los ;  
 Mouriscos devem ser , ou eu me engano ,  
 Que Christaõs nunca usáraõ de taes nomes.  
 Vá pois , Senhor Deaõ , e sem receio  
 A sua appellação prompto interponha ,  
 Que aos Juizes depois intimar deve ,  
 Se quer das multas escapar ao raio ,  
 Que o terrivel Acordaõ lhe fulmina.  
 Não durima sobre o caso , nem descante :  
 Que , segundo a vulgar regra em Direito ,  
 — O Direito aos que dormem não soccorre. —  
 « Essa régra , Doutor , é o Diabo.  
 Merecia o que a fez as mãos cortadas.  
 ( O Deaõ affustado repetia )  
 Visto isso , por amor desta demanda  
 Hei de eu perder a paz , e o meu socego ,  
 Não dormir , vigilar continuamente ?  
 Oh ditofo Arganz , e tu , Marmota ,  
 Que sem demandas ter , nem ter cuidados ,

Passais dormindo quasi o anno inteiro !  
 Oh quanto mais feliz é vossa sorte ,  
 Que a nossa , tristes homens ! Pois se acaço  
 Queremos defender nosso Direito ,  
 O Direito nos deixa , se dormimos !  
 Meu Doutor , se essa regra é verdadeira ,  
 Fique o malvado Acordaõ subsistindo ,  
 Chovaõ embora sobre mim as multas ,  
 O vestido de seda , a lôba , a murça ,  
 Pela agua abaixo vá , tudo se perca ,  
 Com tanto que eu não perca um só instante  
 Dos meus suaves , regalados somnos.

Aqui , com branda voz , o bom Fernandes  
 Ao afflicto Deaõ assim consola :

« Senhor , os textos tanto ao pé da letra  
 Se não haõ de entender , como imagina ;  
 Não é da mente pois do graõ Consulto ,  
 Que esta regra dictou prudentemente ,  
 Que não devaõ dormir os pleiteantes ,  
 Que isso seria desmarcada asneira ;  
 Sua tençaõ sómente foi lembrar-nos ,  
 Que quem litigios tem , e quer vence-los ,  
 Deve tudo attentar , e ser esperto. »

» Isso agora , cobrando novo alento

( Diz o Deaõ farfante ) é outra coufa.  
Por esperto , naõ tenha , Doutor , medo ,  
Que me haja de vencer o gordo Bispo ;  
Que aqui , onde me vê , sou graõ lavérco :  
Muitas vezes no Wifh , estando a nove ,  
Na segunda partida , os meus Contrarios ,  
De taes artes me valho , taes maranhas ,  
Que naõ tendo mais que um , lhes ganho o rober. »  
Isto dizendõ , e feita uma Zumbaia ,  
Do Doutor Bartolista se despede ;  
E mais ligeiro , que um ligeiro Galgo  
Para Casa direito o fio toma ,  
Onde , sem se despir , manda lhe tragaõ  
Prestemente a comida , e prestemente  
Engóle pensativo alguns bocados ;  
E na mesma Cadeira , sem deitar-se ,  
Umaz vezes dormindo , outras pensando ,  
Por algum tempo recostado fica.

## CANTO V.

**A**inda o chilo bem não tinha feito  
O farfante Deaõ , quando , lembrado  
Do— *coram probò viro* — do Fernandes ,  
Abre a Caixa , e tomando uma pitada  
De mofofo tabaco , assim dizia :  
» Que inercia é esta ? Que preguiça , oh Lara ;  
Que os membros , e sentidos te adormenta ,  
Quando por inimigos tens em Campo  
O gordo Bispo , o Abreu , o Ramalhete ,  
Velhacos todos da primeira plana ?  
Álerta , Lara , pois ; álerta , álerta ;  
Que o direito aos que dormem não soccorre;  
E cumpre aos litigantes ser espertos. »

    Isto dizendo , o corpo inteiriçava ,  
E abrindo a boca , e os olhos esfregando ;  
A modorra facode , em que jazia :  
Entaõ dando um passeio , ao espelho chega ,  
E o suado crescente endireitando ,  
Sem attender ao fino , que o chamava ,

A Vesperas tocando , nem á multa ,  
Que a bolsa lhe ameaça , sahe de Casa ,  
E por baixo da calma , com que affava  
Sirio , ladrando , a sequiosa terra ,  
Aos Capuchos de trote se encaminha.  
Sobre uma agra montanha , que se estende  
Em pequena distancia dos soberbos  
Guerreiros muros da triumphante Elvas ,  
O celebre Convento se levanta.  
Aqui , da molle Inercia no regaço ,  
Das austeras fadigas descansando ,  
Da Provincia se vê , cem Padres Graves  
Ex-Guardioés , Ex-Porteiros , Ex-Leitores ,  
Ex-Provinciaes , e alguns destes famosos  
Pelas artes subtís , pela ardileza ,  
Com que forçado tem o Sp'rito Santo ,  
Nos rixosos Capitulos , mil vezes ,  
Os votos a seguir do seu partido.  
D'estes tambem no meio , alli se encontraõ  
Do gordo badulaque Ex-Cozinheiros ,  
Na famosa Cozinha , entre as tishnadas  
Certás fuliginosas , e marmitas ,  
Com grande gloria sua jubilados.  
Aqui , suando pois como um Cavallo ,  
Chega o Deaõ a tempo que o Porteiro  
A porta da Clausura prompto abria ;

E vendo do Deaó a gram fadiga ,

Destá forte lhe diz sobrefaltado :

» Que é isto , meu Senhor ? Que estranho caso

Aconteceo a Vossa Senhoria ,

Que por baixo da calma taó intensa ,

A nossa Casa o traz taó afrontado ?

Matou acafo algum dos seus Collegas ?

Roubou a Sacristia ? ou do Diabo

Tentado , violou alguma Virgem ,

E afile vem buscar na nossa Igreja ? »

— Nenhum desses desastres , Deos louvado ,

Me succedeo ; ( o Lara lhe replica )

Ao Padre Guardiaó sómente quero

N'um negocio fallar , se for possível. —

» Inda bem ; pois cuidei que era outra coufa ;

( Lhe torna o bom Porteiro ) e de affustado

Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.

O Padre Guardiaó , antes das cinco ,

Naó costuma da festa levantar-se ;

Mas , por servir a Vossa Senhoria ,

A desperta-lo vou ; no em tanto póde

Lá na Cerca esperar , tomando o fresco. »

Isto dizendo , ao Dormitorio sobe ;

E o Deaó , caminhando para a Cerca ,

Com outro Reverendo , acaſo topa ,  
De gram barriga , de cachaço gordo ,  
Que attento o comprimenta , e acompanha.  
Quiz entaõ a Fortuna , que eſte foſſe  
Um dos Padres mais graves da Provincia ,  
Ex-Guardiaõ , Ex-Leitor , e Jubilado ,  
De todos o mais douto , excepto o Arronches ,  
Pregador de gram fama na Cidade.  
O bom Lara , que havia longo tempo ,  
Que neſta ſanta Caſa naõ entrava ,  
Aturdido ficou , quando a ſeus olhos ,  
Na Cerca entrando , juntos ſe lhe off'recem  
As areadas ruas , as Eſtatuas ,  
Os Buxos , os Craveiros , as Latadas  
De mil flores cobertas , e que em torno  
O virente jardim adereçavaõ ;  
E naõ bem quatro paſſos tinha dado ,  
Quando , fitando curioſo a lente  
Na eſtatua , que primeiro alli ſe encontra ,  
Pergunta ao Jubilado : « Quem é eſte  
Monsieur Pariz ? ſegundo diz a letra ,  
Que por baixo , na baſe , tem aberta :  
Se ſe houver de julgar pela apparencia ,  
O nome , a catadura , o penteado  
Dizendo-nos eſtaõ que eſte bilhoſtre  
Foi Francez , e talvez Cabelleireiro ,

Inventor do topete , que o enfeita. »

— Páris , e não Pariz , diz o letreiro ,

( Circunspecção lhe volve o Padre Mestre )

Nem Francez , como crê , Cabelleireiro ,

A personagem foi , que representa ;

Mas em Troya nasceo de estirpe regia. —

« Pois se Francez não foi , ( replica o Lara )

Como Monsieur lhe chamaõ ? » C'um sorriso

Lhe torna o Padre Mestre : « Não se admire

Que isto está succedendo a cada passo :

Ao pé de cada canto , hoje , sem pejo ,

Se trataõ de Monsieus os Portuguezes.

Isto , Senhor , é moda , e como é moda ,

A quizemos seguir ; e sobre tudo

Mostrar ao mundo , que Francez sabemos. »

» De tanto peso pois ( lhe volve o Lara )

É , Padre Jubilado , por ventura ,

O saber o Francez , que d'isso alarde

Fazer quizeffem vossas Reverencias ?

Por açaõ , sem esse sacramento ,

Não podiaõ salvar-se , e serem sabios ?

Pois aqui em segredo lhe descubro ,

Que o Francez , para mim , o mesmo monta ,

Que a lingua dos Salvagens Eoticudos. »

— Não diga , Senhor , tal ; que neste tempo ,



Oh Tempos , oh Costumes ! ( diz o Padre )  
O saber o Francez é saber tudo.  
É pasmar ! ver , Senhor , como um Pascazio ,  
De Francez com dous dedos-se abalança ,  
Perante os homens doutos , e sizudos ,  
A fallar nas sciencias mais profundas ,  
Sem que lhe eíscape a Santa Theologia ,  
Alta sciencia , aos Claustros reservada ,  
Que tanto fez suar ao grande Scoto ,  
Aos Baconios , aos Lelios , e a mim proprio !  
Destá audacia , Senhor , deste descoco ,  
Que entre nós , sem limite , vai lavrando ,  
Quem mais sente as terriveis consequencias ,  
É a nossa Portuguez , casta linguagem ,  
Que em tantas traducções anda envasada  
( Traducções , que merecem ser queimadas ! )  
Em mil termos , e frases Gallicanas !  
Ah ! se as marmoreas Campas levantando ,  
Sahissem dos Sepulchros , onde jazem  
Suas honradas cinzas , os Antigos  
Lusitanos Varões , que com a penna ,  
Ou com a espada , e lança , a Patria ornáraõ ,  
Os novos idiotismos escutando ,  
A mesclada dicção , bastardos termos ,  
Com que enfeitar intentaõ seus escritos  
Esles novos , ridiculos Authores ;

Como se a bella , e fertil lingua nossa ,  
 Primogenita filha dá Latina ,  
 Precifasse de estranhos atavios ,  
 Subito , certamente ! pensariaõ ,  
 Que nos sertões estavaõ de Caconda ,  
 Quilimane , Sofala , ou Moçambique ;  
 Até que já por fim defenganados ,  
 Que eraõ em Portugal , que os Portuguezes  
 Eraõ tambem , os que costumes , lingua ,  
 Por taõ estranhos modos , afrontáraõ ,  
 Segunda vez de pejo morreriaõ .

Mas ellès tem desculpa ; a negra fome  
 Os miseros mortaes a mais obriga :  
 Sem saber o que escrevem , escrevendo ,  
 Buscaõ della o remedio , e como lograõ  
 Os fins dos seus intentos , o que escrevem ,  
 Seja ou naõ Portuguez , isso que monta ?  
 Quem desculpa naõ tem , nem a merece ,  
 É quem vedar-lho deve , e naõ lho veda .  
 Mas por ora deixemos estas cousas ,  
 Que o mundo corrigir a nós naõ toca .  
 Este ( como dizia ) foi Troyano ,  
 E nos Campos que o Phrygio Xantho corta ,  
 Guardando em doce paz o seu rebanho ,  
 Eleito foi Juiz do grande pleito ,

Que Juno , e Pallas , entre si , com Venus ,  
 Sobre a belleza , um tempo sustentáraõ.  
 No qual não sei porém , se com justiça ,  
 Deo a favor de Venus a sentença ,  
 Entregando-lhe o rico pomo de ouro ,  
 Que a Discordia lançára n'um banquete. —  
 » Já nesse pleito ouvi , ( se bem me lembro )  
 E no pomo fallar : ( lhe volve o Lara )  
 Mas o tal Monsieur Páris foi um asno ;  
 ( Perdoe a sua ausencia ) se na causa  
 De ser Juiz a sorte me coubéra ,  
 Daria mal , ou bem a minha sentença ,  
 Conforme o meu bestunto me ajudasse ,  
 Sem em nada gravar a Consciencia :  
 Mas a maçã havia de eu papa-la ,  
 Pelas custas , por certo ; e quando muito ,  
 Daria á Vencedora , della as cascas .

Mas , diga-me , meu Padre Jubilado ,  
 Se gado apascentou esse Marmanjo ,  
 Como de Cortezaõ esta vestido ,  
 De Cabello , de bolsa , e penteado ? »  
 — Essa é boa ( replica o Reverendo )  
 Pois parece-lhe a Vossa Senhoria  
 Que lhe bastava o seco tratamento  
 De Monsieur , que lhe démos , e um Cajado ,

Um intonso cabello , uma famarra ? —

» Essa razaõ me quadra ( diz o Lara. )

E esta Madama Helena , ( continua )

Que delle está defronte , por ventura

É Troyana tambem , ou é Franceza ,

Como de penteado mostra o gosto ? »

— Não foi , Senhor , Franceza , nem Troyana ;

( Responde o Padre Mestre ) d'alto fangue ,

Em a Grecia , nasceo ; e no seu throno

Esparta um tempo á vio : mas Sceptro , e Esposo ,

A Patria , a Fama , a Gloria d'alta estirpe ,

Tudo deixou por Páris. — Pois que ! o Esposo ,

A chara Patria , o Sceptro , a Fama , a Gloria ,

Tudo deixou , por esse barbas-d'alho !

Valente marafona foi por certo

A tal Madama Helena ! E quem foi esta ?

Diz a letra Madama Pena-Lopes ,

( Profegua o Deaõ ) talvez seria

Taõ boa , como effoutra ? » — Essa ( responde

O douto Jubilado ) é d'outra laia.

A famosa Penelope foi esta ,

Do Conjugal amor , da fé jurada ,

Do sagrado Hymeneo nas castas aras ,

Um perfeito exemplar , grande Matrona ,

Boa Mãi-de-familias , e estremada ,

Entre as mais do seu tempo , Tecedeira.

N'uma tea gastou mais de dez annos . . . —

» Que me diz , Padre Mestre ? Está zombando !

( O Deão aturdido lhe replica )

Em urdir e tramar uma só tea

Dez annos consumia a tal Madama ;

E diz-me que foi grande Tecedeira ?

A minha Ama . . . e mais é uma Zompeira ;

N'outro tanto não gasta nove mezes :

E com tudo , não passa , entre as peritas ,

Por grande sabichona neste officio. »

— Nisso mesmo é que estive a habilidade ,

( O Padre lhe tornou ) pois que de noite

O que de dia obrava , desmanchava. —

» Peior ! ( diz o Deão ) isso é o mesmo ,

Que para traz andar , qual Caranguejo.

Jurarei em cem pares de Evangelhos

Que essa mulher perdido tinha o fizo. »

— Perdido o fizo ! Que galante cousa !

( O Padre lhe tornou ) antes no mundo

Nunca mulher se vio tão atinada ,

E digna de passar á Eternidade ,

Sobre as azas da posthuma memoria.

Foi prudencia , Senhor , o que loucúra

A sua fantasia lhe figura.

Pois se assim praticava , era sómente

Por enganar ( em quanto o caro esposo

Da prolongada ausencia não volvia )  
 Cansados regos de importunos Procos ,  
 Que aspiravaõ do seu conforcio á gloria.  
 Arachne , que Minerva vingativa  
 Em aranha tornou , por arrojar-se  
 A competir com ella , certamente  
 Lhe não levára no tecer a palina. — †

» Como é isso ? ( o Deaõ diz affustado )  
 Pois , salvo tal lugar , um homem póde  
 ( Isto fallando todo se perfigna )  
 Ou póde uma mulher , em feio bicho ,  
 Ou animal quadrupede mudar-se ? »  
 — Isto fabulas são , com que os antigos  
 Quizeraõ explicar aos seus vindouros  
 De muitos animaes a industria , e a arte ;  
 E alem disso ensinar , que ás Divindades  
 Se deve ter um grande acatamento.  
 Mas , que acontecer possa , quem duvida ?  
 ( Dizia gravemente o douto Padre )  
 Não fallo agora das antigas Lamias ,  
 Que inteiros engoliaõ os meninos ,  
 De Circe , de Medea , nem de Alcina ,  
 Ou da velha Canidia , de quem conta  
 O bebado de Horacio as nigromancias.  
 Todos sabem , que todas estas Bruxas ,

Em offudos Leões , manchados Tigres ,  
 Em ardidos Ginetes , negros Urfos ,  
 Ou em Toupeiras vis , vis Musaranhos ,  
 A seu fabor , os homens convertiaõ.  
 Além d'isso , Apuleio nos informa ,  
 Que por malicia d'uma certa Fotis ,  
 Em asno , n'um instante , se formára ;  
 E como asno passára mil trabalhos.  
 Não tem ouvido Vossa Senhoria  
 Ruidosos Cães uivar , lá na alta noite ?  
 Pois que querem dizer aquelles uivos ,  
 Senaõ , que anda no bairro Lobis-homem ,  
 Ou homem , por fadario , transmudado  
 Em juimento orelhudo , ou em fendeiro ? —

» Santo Breve da marca ! ( aqui exclama  
 O farsante Deaõ de temor cheio )  
 E logo profeguo. » Se minha estrella  
 Ordenado me tem , que por encantos  
 De alguma feiticeira , ou Nigromante  
 Em fer o bruto eu haja de mudar-me ,  
 Praza a vós , santos Ceos ! ao Fado praza ,  
 Que , antes do que em fendeiro lazarento ,  
 Em brioso Cavallo , elles me mudem :  
 Pois assim poderei , inda algum dia ,  
 A forte vir a ter de ser Pai d'Egoas.

Que bons Potros darei da minha raça !  
 Mas , se muito julgais o que vos peço ,  
 Ao menos concedei-me , que em Fuinha ,  
 Ou matreira Rapoza me transtornem ;  
 Só para do Bispo ir ao Gallinheiro ,  
 De quantas Aves tem a dar-lhe cabo.

Socegado o Deão do seu espanto ,  
 Ao bom Padre pergunta : « E quem é este  
 Circumspecto Monsieur , que cá se enxerga ? »  
 — Esse que ahi está , nem mais , nem menos ,  
 É o facundo decantado Ulysses ,  
 De Madama Penelope marido :  
 De todos quantos Gregos aportáraõ  
 Da Neptunina Troya ás curvas praias ,  
 O mais prudente foi , excepto o velho  
 Nestor , que vio dos homens tres idades.  
 Este , depois que a cinzas reduzido  
 Foi o fero Illion , por suas traças ,  
 E da altiva Cidade só ficára  
 O Campo , em que imperiosa antes estava ,  
 Voltando á Patria amada , carregado  
 De altos despojos da immortal victoria ,  
 De Neptuno soffreo a cruel sanha ,  
 E dos ventos , e vagas açoutado ,  
 Undivago correo por longos mares ,



Vendo de muitas gentes as Cidades ,  
As varias artes , os costumes varios ,  
Até que levantou , na foz do Tejo ,  
A Rainha do mar , Lisboa invicta. —  
» Oh grande Fundador da minha Patria ,  
( Aqui brada o Deaõ ) se mãos tiveras ,  
E se pernas , e pés te não faltáraõ ,  
Os pés , e mãos humilde te beijára ;  
Mas se manco , e maneta aqui te vejo ,  
E á franceza vestido , a mal não hajas  
Que á franceza te beije a fria face. »  
Disse : e ao collo furioso se lhe lança ,  
E na face tres beijos lhe pespega.  
Passado este pequeno entusiasmo ,  
O Lara profeguiu : » E aquell' outro ,  
Que do Jardim no meio se impertiga  
Com cara de Ferreiro , é por acaso  
O grande Ferrabraz de Alexandria ?  
Ou Galafre da ponte de Mantible ?  
— Esse ( responde o Padre ) foi Alcides ,  
Cujos tremendo braço , cujos feitos  
Ha de , por certo , Vossa Senhoria  
Ter ouvido exalçar discretamente ,  
Em seus sermões , ao nosso Padre Arronches. —

» Engana-se , Senhor , ( o Deaõ volve )

Que eu sermões nunca ouvi em minha vida ;  
E posto que , no Choro , muitas vezes ,  
Em razão desta minha Dignidade ,  
A meu pezar , a alguns delles assisto ,  
Em quanto o Padre grita , estou dormindo :  
Pois d'outra sorte disfarçar não posso  
A fome , que me ataca a essas horas.  
Se eu algum dia for eleito Bispo ,  
( Como esperar me faz o regio sangue  
De Lara , que nas veias me circula )  
Já , desde aqui , meu Padre , lhe prometto ,  
Que estes sermões desterre do Bispado ;  
E se nelle inda achar quem tenha o flato  
De prégar , lhe darei prompto remedio ;  
Mandarei , que cumprindo seus desejos ,  
Vá pregar aos Hereges , e Gentios ,  
Que o premio lhe darão do seu trabalho ;  
E escusem de quebrar-nos os ouvidos  
Com uma insulsa dilatada arenga ,  
Que ouve por uso o Povo , e não entende ,  
E a pagar vem , por fim , por alto preço ;  
Dando ( cousa que muito a mim me espanta )  
Sem saber o porque , o seu dinheiro.  
Sermões ? — E quando quer jantar a gente ?  
A fome só augmentaõ , causaõ somno.  
Mas , tornando , meu Padre , ao nosso ponto ,

Este Alcides , segundo tenho ouvido ,  
Foi o maior tunante dos seus tempos.  
— Foi amigo de Moças ? Que tem isso ?  
Vê-me aqui ? Pois com ter mais de setenta ,  
( Dizia o Jubilado ) nem por isso  
Onde quer que as eu topo , lhe perdôo. —  
» Outro tanto de mim , oh quanta magoa !  
( O Deão exclamou ) oh quanto pejo  
Me custa , Padre mestre , o confessa-lo !  
Outro tanto de mim dizer não posso ,  
E com tudo não passo dos sessenta ;  
Mas isso é do burel virtude innata.  
Agora pois , se a vossa Reverencia  
Pesado lhe não for , dev' quizera  
Que deste traficante toda a historia  
Me referisse , pois , segundo penso ,  
Ha de ser varia , e muito divertida.  
Lembra-me a mim , que sendo inda Estudante ,  
Do Bacharel Trapaga , e Peralvilho  
De Cordova , a historia portentosa  
Ouvi ler ( por final , que por ouvi-la ,  
Na Classe pespeguei valentes gazios )  
A um Clerigo vizinho , bom Poeta ,  
Que sabia o Borrvalho todo inteiro ,  
E tinha uma escolhida Livraria :  
E confesso-lhe , Padre Jubilado ,

Que nunca , em minha vida , tenho ouvido  
Cousa , que cá no goto mais me désse. »

— De bom grado o farei , por dar-lhe gosto ,  
( O Padre lhe tornou ) e assim começa :

— Este grande varaõ Alcmena e Jove  
Teve por pais , ainda que graõ tempo  
Do forte Amphitriaõ passou por filho . . . —

» Com que de mais a mais o tal Alcides  
De barregã foi filho ? — Avante , Padre ,  
Que o começe promette grandes cousas. »

( Diz o Deaõ ) e o Padre proseguia :

— De tantas forças foi , logo em nascendo ,  
Que inda elle naõ contava bem dez mezes ,  
Quando , em lugar de beijõ repousando  
N'um escudo de cobre que a Pteréla  
Amphitriaõ ganhára , batalhando ,  
Duas Cobras mais grossas que um madeiro ,  
Que entráraõ a papa-lo furrateiras ,  
No silencio da noite , por mandado  
De Juno , que em ciumes se abrazava ,  
Rompeo , espedaçou , com mais presteza  
Do que eu trinchar costume uma gallinha ,  
Quando , com fome estou , na nossa cella.  
Digo = na cella = ; pois no Refeitório  
Esta ave nunca entrou ; que nelle reina  
Sómente o Bacalháo , e talvez podre.

Depois , sendo Mancebo , a estribaria  
De Augias alimpou com acção grande . . . —  
Neste ponto o Deaõ ter-se não pôde  
Sem que esta sabia reflexaõ fizesse :  
« Filho de Barregã ! Moço de mulas !  
Vejaõ de que relé era a criança ! »  
— Logo ( profegue o Padre ) convidado  
De maiores acções , um Leaõ féro  
Na floresta Nemea , cara a cara ,  
Destemido affrontou ; e lhe machuca ,  
Com a pesada massa , o duro casco . . . —  
Aqui chegava o Padre , em sua historia ,  
Quando o esperto Deaõ , á porta vendo  
Da Cerca , o Guardiaõ , que a ve-lo vinha ,  
Inda do somno os olhos esfregando ,  
O fio lhe cortou , em altas vozes  
Ao Guardiaõ gritando : » Appello , appello  
Perante vossa sabia Reverencia ,  
Varaõ constituido em Dignidade ,  
Da affronta , que me faz o meu Cabido ,  
Pretendendo com multas constranger-me  
A vir apresentar ao gordo Bispo ,  
Á porta da latrina o santo Hyssope.  
Peço tambem , com todo o acatamento ,  
Os reverenciaes Apostolos , mil vezes ,  
Com mais , e mais instancia , instantemente . . . »

— Basta : ( o Prelado diz ) já interposta  
 A Appellação está. Agora , em quanto  
 O Reverendo Padre Jubilado ,  
 Pois Notario não ha , que dê fé d'isso ,  
 A Cerridaõ lhe passa , nos sentemos  
 Ao pé desta Roseira a tomar fresco. —  
 Ditas estas palavras , se assentáraõ ,  
 E o farfante Deaõ assim começa :  
 » Por certo , que não póde duvidar-se  
 Do augmento , Senhor , que em uossos dias  
 Tem tido Portugal , por alto influxo  
 Do Grande , Forte , e nunca assaz Louvado  
 Rei , primeiro no nome , e nas virtudes ,  
 E do sabio Ministro , que lhe assiste.  
 Não fallo nas sciencias , e nas Artes  
 Que eu dellas nada sei : pois meu emprego  
 As letras applicar-me me não deixa ,  
 Como meu gosto , e genio me pediaõ ;  
 E da Arte da Cofinha taõ sómente  
 ( Que é obra , quanto a mim , mais proveitosa  
 Aos homens , que o Francez , que anda na moda )  
 Alguns pedaços leio , estando vago.  
 Fallo , sim , no apparatus dos banquetes ,  
 No polido dos trajos , e assembleas ,  
 Dos Jardins no bom gosto , e dos Palacios.  
 Digo isto , meu Senhor , porque esta Cerca ,

Que era um xiqueiro , ha menos de dous dias ,  
 Hoje tornado está n'um Paraíso.

Mas que não poderá um Genio grande ,

E tal , como o de Vossa Reverencia ? »

O Guardiaõ entaõ todo enfunado ,

Mas modestia affectando , lhe responde :

= Aqui que póde haver , que os olhos encha

De Vossa Senhoria , que tem visto

As Terras estrangeiras taõ gabadas ,

Se é tudo uma pobreza franciscana ! —

» Tanto não direi eu ( replica o Lara )

Que ao ver deste vergel a amenidade ,

O desenho dos Buxos , o bom gosto ,

Com que estaõ as figuras trabalhadas ,

A abundancia dos vasos , e das flores ,

Que nos jardins estaõ , se me figura

Do Castello Gandolfo , ou de Frascati ,

( Onde fallei mil vezes com o Papa )

Ver o primor , e o curioso aceio.

Tudo está primoroso ; e só lhe falta ,

Para em nada ceder aos mais gabados ,

Deliciosos jardins de Italia , e França ,

Uma Cascata , que a do Terni iguale.

Se Vossa Reverencia quer a planta ,

Eu já mandar-lha vou ; que a tenho em Casa. »

— Essa obra ha de custar muito dinheiro  
 ( Responde o Guardiaõ ) e hoje as esmolas ,  
 Para encher a barriga a tantos frades ,  
 Que tem fome canina , apenas bastaõ .  
 Algum dia foi rico este Convento ;  
 Mas estas novas Leis testamentarias  
 Deraõ um grande córte em suas rendas .  
 É verdade , que os santos Exorcismos ,  
 O benzer dos feitiços , e lombrigas ,  
 O grande , e extraordinario privilegio  
 De Irmaõ , ou Mãi de frades , e outros pios ,  
 E santos institutos , que inventáraõ  
 Devotos , e subtis , nossos antigos ,  
 E que nós pelo Povo propagamos ,  
 Com zelo , e com destreza , maiormente  
 Entre o devoto feminino sexo ,  
 Inda pingando vaõ de quando em quando .  
 Mas isto tudo é nada , é um cominho ,  
 A par do que rëndia o Purgatorio !  
 Senhor , o Purgatorio , e as almas santas  
 Eraõ o Potosi da franciscana ! —  
 Neste ponto chegando , o Jubilado  
 O discurso lhe atallia , e ao Lara entrega  
 A grande Certidaõ , que passar fôra .  
 O Deaõ a recebe civilmente ,  
 E com mil importunos cumprimentos ,



E outras tantas profundas cortezias ,  
Dos dous Padres , cortez se despedia :  
E correndo , e saltando , como um Corço ,  
Rifonho , e prazenteiro entrou em Casa ;  
Onde á sua presença , pelos ares ,  
Faz vir o triste Luz , que a honra goza  
De tocar mal rabeca , na Sé de Elvas ,  
E de ser , em seu foro , máo Notario ,  
Ou pessimo Escrivaõ , que vale o mesmo :  
Além disto , cursado tinha as Classes ;  
E a todas estas cousas ajuntava  
Uma profunda erudição , bebida  
Nos Autos de Reinaldo , e Valdevinos ,  
E do Infante Dom Pedro nas partidas ,  
Florifel de Niquéa , e outros livros  
Da andante , da immortal Cavallaria ;  
Ao qual o Deaõ disse : « Hoje um negocio  
De ti fiar pretendo de importancia :  
Mas antes ferá bom , que ao grande Baccho  
Algumas libações , como costumás ,  
Aqui façás . » Dizendo estas palavras ,  
Ordena , que lhe tragaõ promptamente  
Do bom vinho de Borba tres garrafas.  
O bom Luz transportado á sua vista ,  
Sem fazer-se rogar , logo a primeira ,  
Ás duas palhetadas deixa enxuta :

Muito tempo não passa , sem que prove  
 Igual forte a segunda ; sem descanso  
 Com a terceira investe , largando espaço  
 O forte Campeão entra por ella :  
 E depois que esquentada teve a bilis ,  
 Assim com o Deão falla animoso :  
 — Que cousa póde Vossa Senhoria ,  
 Querer deste seu Servo , que não faça ?  
 Que perigo haverá , que não arroste ?  
 Da nova Zezibla os duros Caramelos ,  
 Irei a passear : ao meio-dia  
 Na Libia soffrerei a calma ardente ;  
 Com Tigres , com Leões , com Crocodilos  
 Andaz affrontarei ; do Reino escuro ,  
 Para seu cão de fralda , se é seu gosto ,  
 N'um pulo lhe trarei o Caõ Cerbero ;  
 Se mais d'isso se paga , c'uma corda  
 Á porta lho atarei , como um Macaco. —  
 » Menos que isso ( bradou o Prebendado )  
 Menos que isso de ti hoje pretendo.  
 Uma appellação só quero que intimes  
 Ao gordo , e féro Bispo : isto sómente  
 De ti hoje desejo , e de ti fio. »

Aqui , mudando a cor do triste rosto ,  
 Começou a tremer o novo Alcides ,

E com voz balbuciente , lhe replica :

— Muito illustre Senhor , taõ grande empresa  
Minhas forças excede : o mesmo Achilles ,  
Mandricardo , Gradasso , Sacripante  
Commette-la , por certo , receiáraõ ,  
E Orlando , inda que fora verdadeiro.  
D'ella pois me dispense ; que eu sem pejo ,  
Ante os Ceos , ante a Terra hoje confesso  
Que meu animo a tanto naõ se atreve. —

A este breve discurso , ardendo em ira ,  
O Deaõ exclamou : « De minha vista  
Vai-te indigno Furaõ , vil e rasteiro ,  
A quem , na Cara , e feitos te pareces ,  
Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Tremulo , e semivivo o pobre Zote  
Entaõ se foi d'alli escapolindo ;  
E o farfante Deaõ fica suspenso ,  
No peito revolvendo a quem daria  
A grande Commissaõ : — quando á memoria  
Lhe a traz a Senhoria ( que a seu lado  
Invisivel assiste ) o bom Gonçalves ,  
Escrivaõ atrevido , e sem piedade.  
Que a si mesmo prendéra , se podéra.  
» Este sim ( exclamou entaõ contente )

Que é capaz de citar a Jesu-Christo. »  
Isto dizendo , que lh'o chamem , manda.  
A Senhoria entãõ , tomando a fórma  
Do Galopim de Caza , veloz parte,  
E com elle voltou incontinente ;  
A quem logo o Deaõ propõe a empreza ,  
Que elle , sem duvidar , risonho acceita ,  
E para a executar , tempo opportunõ ,  
Cheio de confiança , a esperar parte.

## CANTO VI.

**J**á o Sol grande espaço declinava  
Do brilhante Zenith para o Occidente ;  
E a socegada Tarde , conduzida  
Nas frescas azas dos subtis Favonios ,  
A passeio os Peraltas convidava ;  
Quando , por divertir sua Excellencia  
O fastio , que a longa ociosidade  
Nos peitos dos mortaes tyranna gera ,  
Se dispõe a fahir , como costuma ,  
A frescura a gozar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios ( trama urdida  
Pela mão industriosa da Excellencia ,  
Para obriga-lo a não fahir de caça )  
Esta infauſta jornada precedêraõ.  
Á-mesa posto , e a beber um copo  
De generoso vinho da Madeira ,  
Em vinagre , na bocca , se lhe torna  
O suave licor , e ao mesmo passo ,  
No Aparador saltando um Gato negro ,

Em afillhas lhe faz , com grande estrondo ;  
 Os dourados cristaes , que nelle eslavaõ.  
 Depois , dormindo docemente a festa ,  
 Se lhe figura , no melhor do somno ,  
 Que andando de passeio pela Quinta ,  
 Com passos lentos a elle se chegava  
 Da nóra o velho Burro , e alçando o rabo ,  
 Dous couces lhe pregava no vazio.  
 A fantastica dôr , gritando , acorda ;  
 E acudindo a familia promptamente ,  
 Lhe narra o triste caso , inda affustado.  
 Mas , passado o primeiro sobressalto ,  
 Desenganado em fim de que era sonho ,  
 A vestir-se começa : entaõ calçando  
 O polido sapato , das fivellas  
 Salta , da Guardaroupa ao aureo tecto ,  
 Com medonho estampido , a melhor pedra.  
 Finalmente , ao montar a Carruagem ,  
 Batendo um graõ Bizouro as negras azas ,  
 Com horrendo estridor lhe açouta as ventas ,  
 E um Pardal lhe esterçou no tejadilho.

Neste instante a Excellencia , que tomado  
 Tinha do grande Almeida a gentil fórma ,  
 Vendo que estes agouros não bastavaõ  
 Para aterrar do Bispo o forte peito ,

C'uma grande zumbaia , assim lhe falla :  
— Se crer em abusões é de almas fracas ,  
Desprezar portentosos vaticinios  
É de peito obstinado , ensurdecido  
Ás vozes , com que o Ceo mil vezes falla.  
Se em Africa Catao , se em Roma Cesar  
Derao fé aos presagios , nem aquelle  
Nas fervidas areias Africanas  
Acabára infeliz ; nem no Senado  
Ás mãos de Cassio e Bruto , ferozmente ,  
Este fora , qual rez nas aras , inorto.  
O mesmo digo do temido Almeida ,  
De quem Vossa Excellencia tem o sangue :  
De Cambaya murchar as altas palmas  
Na brutal Cafraria elle não vira ,  
Se afouto , ou temerario não zombára  
Do bater dos sapatos dos Menezes :  
Vossa Excellencia tem visto os portentos ,  
Que lhe tem neste dia acontecido.  
Ah ! se a mente presaga não me engana ,  
Algum grande desastre pronosticaõ ,  
Neste passeio , que fazer intenta.  
Para illudi-los pois , torne a aprear-se ,  
A Caza se recolha : confidere  
Que , por grande , a Cautella nunca dana.  
Se pois da ociosidade , e seus prestigios ,

Que tanto horror lhe faz , fugir deseja ,  
Mande chamar alguns Capitulares ,  
E com elles , em santa paz jogando ,  
O resto passe da calmosa tarde ,  
E não queira , com vã temeridade ,  
A seu gosto a razão sacrificando ,  
Desafiar a colera dos Astros.—

A estas vozes , risonho , o gordo Bispo  
Lhe responde : « Meu Filho , bem conheço ,  
Que o amor , que me tens , é quem te dicta  
Essas sabias razões ; mas que diria  
Esta marcial Cidade , que admirando  
Meu heroico valor , trazer pendente  
Do bordado talim , me vio na guerra  
Uma talhante espada ; e sobre tudo ,  
Erguer da Cama , n'uma fria noite ,  
Por correr , sem temor , suas muralhas ,  
Quando o fogo nas altas atalaias ,  
Brilhando tristemente , annunciava  
Roubos , affolações , incendios , mortes ;  
Se hoje soubesse , que eu ficava em Casa ,  
Affombrado de quatro bagatellas ?  
Eu confio no Ceo , que esses successos  
Nada contenhaõ , que aziago seja.  
Mas , se assim succeder , constante , e forte  
Irei por onde os Fados me chamarem. »



Isto dizendo , confiado ordena  
 Aos Moços , que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succediaõ  
 No Episcopal Palacio , o bom Gonsalves ,  
 A quem a grande empreza disvellava ,  
 Sendo por seus espias avisado  
 De que o Bispo sahia ; aproveitar-se  
 Da occasiaõ , que a Sorte lhe off'recia ,  
 Comsigo determina ; e a toda a pressa  
 A vestir-se começa : quando a cara ,  
 E longeva Conforte , do Cartorio  
 Nas fardidas trapaças taõ versada ,  
 Como o destro marido , toda cheia  
 D'um panico terror , que dentro n'alma  
 A feroz Excellencia lhe infundira ,  
 Ao collo se lhe lança , e assim lhe falla :

» Onde , oh Luz de meus olhos , doce Esposo ,  
 Assim corres veloz , assim me deixas  
 Cercada de receios , e tristezas ?  
 O Bispo vás citar ? Ah ! tu não sabes  
 Qual é deste Prelado a santa raiva ?  
 Ignoras , que as menores bagatellas ,  
 Em seu conceito saõ graves insultos ,  
 Que castigar costuma sem piedade !

Tu , oh pobre Milheira , tu o dize ,  
Que por zombar da fita do palmito ,  
Na respeitavel face do Roquete ,  
Mestre de Ceremonias , e Cabalas ,  
Com poder de Assistente , junto ao folio ,  
Para insultar , sem termo , os pobres zotes  
Em toda esta Cidade , e seu Bispado ,  
A jazer longo tempo na Cadeia  
Barbaramente condemnado foste !  
Naõ sabes , que a pezar das leis sagradas  
Do nosso piedosissimo Monarca ,  
Elle Meirinho tem de vara alçada ,  
Que prende , escorcha , e rouba impunemente  
A sombra do sagrado Sanctuario ?  
Pois , como a provoca-lo hoje te arrojas ,  
Por servir o Deaõ ? Cres por ventura  
Que eille te livrará das suas garras ?  
Ou fias-te talvez em que és sujeito  
A outra jurisdicção ? Mas , oh ! repara  
A quantos , como tu , leigos izentos  
Em seu cruel aljube opprime , e vexa !  
Oh ! se um raio voraz dos Ceos descesse ,  
E todos os aljubes abrazasse !  
Quantas , oh Ceo ! oh , quantas se evitáraõ  
Vexações , injustiças , e insolencias !  
Olha o que succedeo , ha pouco tempo ,

Ao Charlataõ do Medico pequeno  
( Que a habito perpetuo de Estudante  
Foi de Esculapio em Junta condemnado ) ,  
Por naõ dar alimentos á Conforte  
Em dinheiro corrente , que de balde ,  
Os homens , e as estrellas attestando ,  
Allegava naõ ter o miseravel ,  
E em vaõ , para paga-los off'recia  
A venda de seus predios , ou seus fructos ;  
A pezar da Razaõ , e da Justiça ,  
Com publico pregaõ excommungado :  
Bem que dizer-se delle se naõ possa  
Que de Herodes á féra tyrannia ,  
Nem se quer escapou por innocente ;  
Pois só , d'uma pennada , a muitas almas  
Tem feito as margens ver do Stygio Lago ,  
Onde por elle esperaõ barregando ,  
Para as barbas tirar-lhe , e a cabelleira !  
Pertendes pois que o mesmo te succeda ?  
Ah ! naõ , amado Esposo , por aquelles  
Primeiros , e suavissimos instantes  
Do nosso doce amor , pela fé pura ,  
Que no sagrado laço me juraste ;  
Por estas ternas lagrimas , que choro ,  
Que a tanto naõ te exponhas : ah ! naõ queiras  
A ti mesmo cruel , e a meu socego

Roubar-me a triste vida , dar-me a pena  
 De ouvir-te excommungar pelas esquinas ,  
 Ou prezo cruelmente , entregue ás garras  
 Do Meirinho voraz , qual tenra Pomba  
 Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.  
 Do meu pranto tem dó , e dos cansados  
 Longos annos da minha amarga vida. »  
 Aqui hum magoado , e graõ suspiro  
 As queixas lhe atalhou ; que o sentimento  
 A voz lhe congelou dentro no peito.

Entaõ o grande , e intrepido Gonfaves ,  
 Assim , de brio cheio , e de ternura ,  
 A timida Conforte alenta , e anima.  
 — Enxuga o bello pranto , oh bella Esposa ,  
 Que sem causa derramas , pois com elle  
 O forte coração me despedaças.  
 Eu naõ vou combater algum Gigante ,  
 Nem tenho o Tamorlaõ por inimigo ;  
 Vou fazer meu officio , e bem conheço  
 A quanto me abalanço , e me aventuro.  
 Mas que dirá o Mundo , se vir hoje ,  
 Que eu fujo dos trabalhos com o corpo ?  
 De mais , que deste excessõ , a que me arrojõ ,  
 Tu a causa só és ; pois d'outra forte  
 Mal poderei , meu rico Bem , comprar-te

A Saia , a Capa , a Fita , o Leque , o Pente.  
 Os annos estaõ caros , e eu não devo  
 Um gancho desprezar , que raras vezes  
 A Ventura depara , e nos off'rece.  
 As Censuras , o Bispo , e sua vara  
 Vaõs espantalhos saõ que não me affustaõ ;  
 Eu não temo o Meirinho , nem da Igreja  
 O forte raio , sem razão vibrado ;  
 E para me livrar do Bispo ás iras  
 Tenho braço , artes tenho , e tenho modo.  
 O susto deixa pois , que brevemente  
 Tu me verás tornar sem frio , ou febre ,  
 A gozar de teus mimos , teus favores. —  
 Isto dizendo , de seus braços foge ;  
 E mais ligeiro , que o ligeiro Gamo ,  
 A esperar , se partio , sua Excellencia,

Já na rica liteira recostado ,  
 Da Cidade sahia o gordo Bispo.  
 Dous lacaios membrudos , e possantes  
 Guiavaõ a compasso os grandes machos ,  
 E dous do mesmo talhe na dianteira  
 A lenta , e preguiçosa marcha abriaõ.  
 Nos altos Campanarios os Donatos ,  
 E das Freiras as Moças , muito alegres  
 Pavaõ , como costumãõ , aos badalos.

Quando o bom Escrivaõ , que prompto estava ,  
Qual sagaz Caçador , que alegre , e fero  
Á porta d'uma mancha a rêz espera ,  
Á liteira se chega , e respeitoso  
Uma Carta ao Prelado logo entrega ,  
Na qual a Appellaçaõ descomedida  
Em letra garrafal îa traçada.  
O innocente Pastor , que naõ suspeita  
O veneno mortal , que em si levava ,  
Depois de lhe lançar a santa bençaõ ,  
Com risonho semblante , pega nella ,  
O sobrescripto rompe , e soletrando ,  
Entra a ler com trabalho ; mas , apenas  
O sentido da astuta Carta entende ,  
Começou a tremer ; das maõs lhe cahe  
O atrevido papel. Naõ , se cem boccas ,  
Cem linguas eu tivesse , e a voz de ferro ,  
Poderia contar qual foi a raiva  
Do gordo Bispo. A Ira , a Impaciencia ,  
A Soberba , a Vingança , e outras Furias  
O rodeiaõ , o agitaõ , e o transportaõ :  
O rosto se lhe inflamma ; os olhos tintos  
D'um vivo , e negro fangue lhe chammejaõ ,  
Escuma , geme , e brama , range os dentes.  
Taõ cruel , taõ espantoso , taõ feroz  
Naõ treme , naõ avança , naõ se rasga

O que mordido foi de Caõ danado ,  
Quando o triste veneno , que fervendo  
Pelas veias lhe corre impetuoso ,  
Ao coração lhe chega , e lh'o devora ,  
Como o grave Pastor ! A vil Preguiça  
Que a seu lado jazia recoitada ,  
Ao vê-lo , d'alli foge espavorida.  
Em fim , em raiva ardendo , grita , e clama  
Aos Lacaios , que logo , sem piedade ,  
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.  
Entaõ os insolentes vis Mochilas  
Arrancaõ das espadas , que em desprezo  
Das Leis , e Magistrado á cinta trazem ,  
E cheios de grande ira , quaes raivosos ,  
Arremessados Cães , que ardidos seguem  
O fero Javali , que veloz foge  
A emboscar-se na densa , e vasta moita ,  
Cõrrem , sem tino , apoz o bom Gonçalves ,  
Que em seguro já posto , ao pé da guarda ,  
Os olha com desprezo , e com insulto.  
Naõ de outra sorte rubido Podengo ,  
Que seguindo fiel , e lisongeiro  
O rustico Saloio , que á Cidade  
Vem , de seus Campos , a vender os frutos ,  
Se ao pé d'alguma esquina se demora ,  
Preso da vista das formosas cores

Da galhofeira Cidadãa Cadella ,  
 E sobre elle cabiudo a roaz turba  
 Dos bairristas Cachorros , que a namoraõ ,  
 Entre as pernas mettendo a longa cauda ,  
 Corre , sem se deter , até que chega  
 Junto de seu Senhor , a cujas abas  
 Seguro , e confiado encrespa as ventas ,  
 Contra elles se revira , entaõ rosnando  
 Lhes mostra os brancos , navalhados dentes.

Denodado Gonfalves , se meus versos  
 Alguma cousa pôdem , se rompendo  
 A nevoa escura dos futuros evos ,  
 Sobre as azas do Tempo se espalharem  
 Pela terraquea mole , em quanto Alcades ,  
 Quadrilheiros houver , houver Meirinhos ,  
 O teu nome será sempre famoso ,  
 Pelo heroico valor , com que abarbastes  
 Do gordo Bispo a temerosa sanha ,  
 E dos Leilões na praça , em quanto ás nuvens  
 A fronte levantar a gram Lisboa ,  
 Entre a terrivel pestilente corja  
 De Alguazis defalmados , e vorazes ,  
 Com inveja , e louvor , serás de todos  
 Pelo primeiro Beleguim contado.



Em tanto a Senhoria , que presente  
A esta Comica scena sempre esteve ,  
Chama a Fama veloz , e lhe encarrega  
Que a gram nova ao Deaõ leve ligeira.  
Estava entaõ o triste combatido  
De alegres esperanças , e temores ;  
Umaz vezes confia , outras receia ,  
Que o Escrivaõ medroso naõ se atreva  
A proseguir no empenho começado ;  
Quando a rapida Fama em seus ouvidos  
A nova espalha do feliz successo.  
Vós , Filhas da Memoria , que do Pindo ,  
Concordes habitais as frescas selvas ,  
Qual foi seu gram prazer dizei agora.  
De Baccho nas solemnes Anthesterias ,  
As desenvoltas Ménades naõ correm ,  
Nyctileo invocando , mais furiosas ,  
Do Deos , e da Alegria arrebatadas ,  
Como o farfante Lara corre as casas  
Gritando de contente. Os Moços chama ,  
E a todos , entre grandes gargalhadas ,  
Todo o successo narra. Ora lhes pinta  
Do arrojado Escrivaõ a grande astucia ,  
Ora as vãas iras do cruel Prelado.  
Oh geraçãõ humana , e quanto és facil  
No meio da bonança a engrimpinar-te ,

Sem temer , que a pellada má fortuna ,  
Lubrica , extravagante , caprichosa ,  
Te vire as costas , e te mostre a calva !  
Tu , oh farfante Lara , em pouco espaço  
O viste , por teu mal , tu o provaſte :  
Pois , quando mais ditoso te julgavas ,  
De improvizo fugio tua alegria ,  
Qua! leve exhalação , que apenas nasce ,  
Nos abyſmos do Ceo deſapparece !  
Engolfado o Deo nas eſperanças ,  
Que eſte fauſto principio lhe annuncia ,  
Aos Criados ordena *in continenti* ,  
Que para feſtejar o feliz caſo ,  
Uma eſplendida Cea ſe prepare ;  
E á velha , que tambem de goſto falta ,  
Com riſonho ſemblante intima , e manda ,  
Que não fique na grande capoeira  
Folego vivo em tão feſtivo dia.  
Não contente com iſto , maior prova  
De ſeu immenſo gozo dar pertende :  
Que bizarro Concerto de preludio  
Sirva ao farto banquete , determina ,  
Da Muſica melhor , que ha na Cidade.  
E por dar mais prazer aos Convidados ,  
De Cavallinhos fuſcos , depois della ,  
Na vaga falla , com ſoberba pompa ,

O galante espectáculo prepara.

Então a convidar , faltando , envia

Do Clero , e da Milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se fazião ,

A despiedosa velha ferozmente

A barbara sentença executava ,

Cem Gallinhas , cem Frangaõs degollando.

Entre todos havia um velho Gallo ,

Pai da grande familia , victorioso

De cem feros rivaes , e respeitavel

Pelo roxo esporaõ , e roxa Crista :

Deste pois , nem sequer o vulto escapa

Da grande mortandade , e com seu fangue

De seu cruel Senhor honra o fellejo.

## C A N T O V I I .

**E**ntre tanto , furdindo a Noite escura  
 Do Bosphoro Cimmerio , e despregando  
 As estellantes azas , envolvia  
 Todo o nosso Emispherio em densa tréva ;  
 Quando na Casa do Deo triumphante ,  
 Ajuntando-se vão os Convidados.

Vós , Deusas do Parnaffo , vos agora  
 Novo fogo inspirai dentro em meu peito ;  
 Regei-me a voz cansada , e o debil canto ,  
 Por que nelle celebre dignamente  
 De tão altos varões nomes , e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala  
 Foi o moço Sequeira , que hombreando  
 C'o Pai sagaz , na usura , e na trapaça ,  
 Lhe sobre-leva muito de avareza.  
 D'uma sebenta , desbotada fita ,  
 A bengala da dextra traz pendente ,  
 Com que as moscas enxota do Castello.

Apoz este se segue circunſpecto  
O Noventa-cabellos , conhecido ,  
Perſido Achates do pompoſo Lara ;  
Homem fizido , e grave , e o mais callado  
De quantos pizaõ d'Elvas a Cidade ;  
Excepto o triftre , miſero Tacãho ,  
Que gerou , por ſeu mal , o velho Torres.  
Muitos d'elle murmuraõ ( Feia inveja  
Quem de teus dentes ficará izento ,  
Se não te eſcapa a ſimples Innocencia ? )  
Que não falla , porque fallar não ſabe.  
Outros porém mais juſtos o defendem ,  
E ás eſtrellas o ſóbem ; pois ao menos  
Se não ſabe fallar , ſabe callar-ſe ,  
E qual lubrica , negra fanguifuga ,  
Que afferrando-ſe á pelle , ſe não ſolta ,  
Sem de todo fartar a cruel ſede ,  
Dos que encontra ás orelhas não ſe agarra ,  
E ſem antes gastar-lhe a paciencia ,  
Com queſtões importunas os não larga ,  
Como coſtuma o Zote do Sardinha.  
Nas ancas deſte entrou eſbaforido  
O Veliozo , Arithmetico affamado ,  
Capaz de duvidar até de Chriſto ;  
E que tem de loquaz , e de arengueiro  
Quanto de taciturno tem o outro ;

Elle sabe de *Acclamo* o grande Scholio ,  
 De cabo a rabo , sem falhar-lhe um verbo ,  
 E á força de Pai velho , algum pedaço  
 Verte em máo Portuguez , do Tridentino.  
 Com o que , e repetir alguns exemplos  
 Da longa Jesuitica Syntaxe ,  
 Passa , entre os seus , por homem consummado :  
 Bom Juiz de Sermões , e Pregadores ,  
 A pezar do atrevido Cazadinho ,  
 Que , por ser o barbeiro do Prelado ;  
 Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois , ao beque dando ,  
 Entra o vaidoso mulheril Perinha ,  
 Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos ,  
 E Chefe dos Pelões da sua Terra.  
 Entaõ de Senhorias toda a Casa ,  
 Qual d'um picante enxame de mosquitos ,  
 Azoinada se vio : umas da bocca  
 Em borbotões lhe sahem , outras lhe entraõ  
 Pelas grandes orelhas lisongeiras ,  
 E subindo-lhe ao cerebro , a cabeça  
 De illustrissimos flatos lhe enchem toda.  
 Naõ passou muito espaço , sem que á porta  
 Se naõ vissem chegar ambos os Bichos ,  
 Alegria , e prazer da Elvense Terra ;

O Leite , e o Barquinhos , tão fãmosos ,  
 Aquelle , pela teima , com que intenta  
 Mungir d'um grande Bode as grandes tetas ,  
 Este , pela piedade , cõm que vindo  
 Jazer em terra morto o bravo Touro ,  
 Que os calções de Camurça lhe rasgára ,  
 Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe ,  
 Perdoa em altas vozes , generoso ,  
 O estrago do vestido , e a grave affronta.  
 Estes , por onde passaõ mil apodos ,  
 Mil graças , e risadas , entre a bulha  
 Do vulgo insultador soar se escutaõ ,  
 Naõ de outra sorte vio Lisboa , um tempo ,  
 Da vil plebe entre a grande borborinha ,  
 Passear suas ruas hombro a hombro  
 O celebré Dom Felix , e o Caturra.

Mas outro entrando vem , de insignes prendas ,  
 Que no engenho , agudeza , brio , e garbo ,  
 Com os dous póde bem correr parelhas.  
 Afastai , afastai : deixai passa-lo ;  
 Que é o grande Salgado , cujo nome  
 Por todo o Alem-tejo , em suas trompas ,  
 Com sonoro louvor publica a Fama.  
 D'elle relata pois a chocalheira ,  
 Que inda o Rol pendurado traz ao collo

Das Moças , que em Mancebo namorára ;  
 Onde , com distincção , se lem seus nomes ;  
 Suas graças , e dotes. Pelos prados ,  
 Que o Hebro cristallino corta , e rega ,  
 Tantas , de Amor captivas , não seguiraõ  
 De Thracia o graõ Cantor , que a cara esposa ,  
 Na solitaria praya descanfando ,  
 Duas vezes perdida , em vaõ chamava ,  
 Quantas o Rol contém , desde a mais baixa ,  
 E roliça fregona , até a Dama  
 Mais nobre , mais gagé , e mais xarifa ;  
 Hoje porém , que em mais serios estudos ,  
 Os dias gasta , desfrutando a honra  
 D'a rustica curar gente da vargem ,  
 Inda este frenesî curar não pôde  
 Nem da Empirica sciencia o graõ segredo ,  
 As ervas , cataplasmas tem bastado ,  
 Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega , de não menos fama ,  
 Cavalheiro do porte dos Venegas ,  
 Que muitos Infanções por Avós conta.  
 Este só comerá d'uma affentada ,  
 Sem que papo lhe faça , um Boi inteiro ;  
 E como quem um copo bebe de agua ,  
 De Caffé , Chocolate , Chá , Sorvete ,



D'um trago beberá toda uma pipa.  
Elle Ceia não ha , não ha Merenda ,  
A que prompto não võe , não affista.  
Taõ rapida calar das altas nuvens  
Não vê o Passageiro , em largo Campo ,  
A grasnadora gralha , o negro Corvo ,  
Sobre o triste animal , que de cansado ,  
Em comprido caminho deo a offada ,  
Como correr se vê o bom Fidalgo  
Á voz , e cheiro do mais vil banquete.  
D'esta Canina fome , que o devora ,  
De *alarve* lhe ficou o gentil nome ,  
Com que em toda a Cidade é conhecido.

Nem tu has de deixar de ser lembrado.  
Em meus versos , Prior da Santa Igreja ,  
Que Alcaçova ennobrece ; tu , que sendo  
Um tempo branco , e louro , te tornaste ,  
Por artes encantadas , negro , e pardo.  
Este na Sala entrou de loba , e capa ,  
Mas debaixo do braço , co' a Catana ,  
Com que em noites de escuro tem brigado  
( Se de seu graõ valor não mente a fama )  
Muitas vezes , com todos os Diabos.

Entaõ tremendo chega a pass os lentos,

O longévo potrôso do Saldanha ,  
 Que em régras economicas bem póde  
 Dar sóta , e az ao Grego Xenophonte.  
 Para próva do seu contentamento  
 Se adórna do vestido Domingueiro ;  
 Sobre uma véstia branca airoso traja  
 Cazaca que foi negra há quinze lustros ;  
 Os Calções eraõ pardos , e os sapatos ,  
 As meias , e espadim , e os outros cabos  
 Em nada do vestido desdiziaõ.

A seu lado marchava o velho preto ,  
 Com a suja panella , em que costuma  
 Ajuntar as reliquias dos banquetes ,  
 A que assiste faminto , e com que passa  
 O resto da semana c'o a familia.

Tu tambem , grosso Silva , lustre , e gloria  
 Da tua Patria , antiga Torres-védras ,  
 Doutor em Anno-historico , naõ foste  
 Dos ultimos , que entrou na rica sala.

Estes , e outros varões de igual calibre ,  
 Dignos todos de fama , e maravilha ,  
 Honraráõ nesta noite a grande festa :  
 Mas da Justiça o amor me naõ consente

Que eu deixe vossos nomes envolvidos  
 Entre a treva , que espalha somnolenta  
 A agua estôfa do sombrio Lethes :  
 Bolorento paõ ralo , e tu , que fallas  
 A lingua da Mourama , oh bom Gonfalo ,  
 E que os Melões , e Peras almotças ,  
 Com tanta rectidaõ ao Povo d'Elvas ,  
 Quando empunhas severo a rubra vara .

Junta em fim a selecta Companhia ,  
 O vistoso Salaõ em torno c'roaõ.  
 Entaõ ao Coro , que esperando estava ,  
 Deo final o Deaõ , e uma Sonnata  
 De Cravo , de Machete , e Castanholas  
 Da Orchestra estrepitosa foi preludeio ,  
 A que um Duo se segue , cousa rara !  
 E que igual nunca vio em seus theatros  
 Milaõ , Veneza , Napoles , Florença.  
 O grande Eugenio , e o famoso Felix  
 Foraõ os dous *Virtuosos* , que o cantáraõ.  
 Se tu , oh estremada Zamperini ,  
 Que em Lisboa os Casquilhos embaraças ,  
 Seus suaves accentos escutáras ,  
 Passages , e volatas , bem que as Graças  
 Lifongeiros te cerquem , e derramem  
 Em teu peito , e garganta mil encantos ,

Com que as tres filhas d' Achelôo vences ,  
Quantos novos encantos aprendêras ?  
Depois o Vidigal ligeiro toma  
Uma Bandurra , que na Orchestra estava ,  
Por maõ de insigne Mestre trabalhada :  
Nella se viaõ , sobre a branca faya ,  
De marfim embutidas , e páo santo ,  
As foliãs do filho de Semele ,  
Quando , do Ganges triunfando , á Grecia ,  
Entre ledos tripudios se tornava.  
Estava o gordo Deos alli sentado  
N'um grande Carro , que virentes parras ,  
Contra os raios do Sol , todo toldavaõ ;  
Uma bojuda pipa , que esparzia  
Um largo jorro de liquor vermelho ,  
De throno lhe servia ; e o Moço imberbe  
C'õ verde thirso , c'uma maõ picava  
Os dous acesos mosqueados Tigres ,  
E c'õ a outra chegava á seca boca  
De saboroso sumo um cheio vaso.  
Apoz elle se via debuxado  
O bebado Sileno , sobre um ruço ,  
E cansado jumento ; de verde hera  
C'õ roada a fronte tinha o semi-capro ;  
E com tal arte figurado estava ,  
Que a cada passo do animal imbelle ,

Aos olhos dos que o vem , se representa ,  
 Que balançando o semi-deos cahia ,  
 C'os fumos , que a cabeça lhe toldavaõ :  
 De foliões Silenos uma tropa ,  
 Quasi para o foster , o rodeava ,  
 E sobre ella lançava o bom Sileno ,  
 Todo risonho , os mal-abertos olhos.  
 Precediaõ o Carro desgrenhadas  
 Mil Bacchantes , e Satyros lascivos ,  
 Dando nos ares descompostos saltos.  
 Uns tocavaõ bozinas retorcidas ,  
 Outros rijos adufes , e pandeiros.

O Vidigal , pegando no instrumento ,  
 Se encommendou ao Deos , a quem amava,  
 E dando á escaavelha largo espaço ,  
 Até de todo temperar as cordas ,  
 Soltou a bruta voz , com que costuma  
 Levantar os Mementos nos enterros.  
 Com taõ grande attençaõ não pendem promptos  
 Do novo Batalhaõ da Elvense Terra  
 Os marciaes soldados , na parada ,  
 Da voz agallegada do Malifa ,  
 Quando o manejo , á falta d'homens , rege ,  
 Como a festiva Companhia pende  
 Dos duros bérros do Cantor famoso ,

Que da Patria em louvor , assim dizia :

» Oh grande Elvas , Cidade em todo o tempo

Por teus famosos filhos memoranda !

Hoje até ás estrellas meus accentos

Teu nome levaráõ , e tua fama :

Mas d'onde a minha voz a teus louvores

Dará principio ? Tu , oh brincaõ Baccho ,

Como tens por costume , tu me inspira.

Mil , em silencio deixarei , successos ,

Em mais remotos tempos celebrados ,

Que tua gloria illustraõ ; pois não pôde

Um engenho mortal todas as cousas :

E a louvar passarei do teu Senado

A rara , e nunca-vista Economia ,

Com que no velho , já rachado sino ,

Por se acharem as rendas do Concelho

Em luminarias , lutos , e propinas ,

Todas ( em seu proveito ) consumidas ,

Quatro gatos mandou lançar de ferro.

Com tal arte feria o Cantor d'estro

Do pequeno instrumento as tezas cordas

( Acompanhando o som , com que cantava

Este estupendo gracioso caso )

Que ao bater das pancadas , parecia

Que se ouviaõ no sino as marteladas.

» Que direi ( profeguido ) da subtileza ,

Com que mandar gravaste sobre a porta ,  
Que tem de *Esfquina* o nome , em negra pedra ,  
Por que ninguem a lê-la se atrevesse ,  
A famosa inscripção , em negras letras ?  
Mais intrincado , mais escuro enigma ,  
Que o que nas portas da famosa Thebas ,  
Por destino fatal , aos peregrinos  
Feroz propunha a monstruosa Sphinge. »  
Aqui , para tomar maior alento ,  
Um pouco se callou ; e em alvo pondo ,  
Como quem pensa em cousas mais profundas ,  
Os turvos olhos , préga um grande esgarro ,  
Com que affustou os Circunstantes todos ;  
E de novo começa : « Oh ! se eu lograsse  
A grande dita de nascer em Roma ,  
E alli , na tenra idade , me tivessem  
Qual misero , e novel frangaõ castrado ,  
Que entaõ só dignamente , em fino tiple ,  
Qual Achilles , nas Operas d'Italia ,  
De teu grave Senado cantaria  
A acção maior , que viraõ as Idades !  
Tu , oh Povo miudo , e Povo grosso ,  
Que dos Touros ao barbaro combate ,  
Presidido dos serios Magistrados ,  
Lá na Praça assistias galhofeiro ,  
Tu testemunha foste ; e no futuro

Testemunha serás , que eu não matizo  
 Com falsas cores o notavel feito ,  
 Fallo da profusão , com que lançáraõ ,  
 Ao primeiro rumor , e ainda incerto ,  
 Com que a Fama espalha vagamente  
 A noticia dos Régios Desposorios  
 Da Princeza Real , Real Infante ,  
 Depois de terem feito bem o papo ,  
 As reliquias da prodiga Merenda ,  
 Sobre as cabeças da apinhada gente.  
 Entaõ ( cousa pasmosa ! ) os óvos molles ,  
 Arroz doce , Cidraõ , e Leite crespo  
 Cobriraõ n'um instante toda a Praça ,  
 Que o Povo , ás rebatinhas , apanhava ,  
 De toda a parte entaõ chover se viaõ  
 ( Qual nas tardes de Mayo , quando Jove ,  
 Com a rubida maõ dardeja irado ,  
 Por entre as negras condensadas nuvens ,  
 Com medonho fragor torcidos raios ,  
 Cahe a grossa saraiva , enchendo os Campos )  
 As pélas do tostado Manjar branco. »

Aqui chegava , quando os Convidados ,  
 A quem de tantos doces a lembrança  
 Tinha feito crescer agua na boca ,  
 Da demóra da Ceia impacientes ,



E da fome voraz estimulados ,  
Em tropel se levantaõ , e lançando  
Pela terra cadeiras , e instrumentos ,  
Corrêraõ pára a meza , onde scintilla  
Nos dourados cristaes , nos fincs pratos  
A radiante luz de cem bugias.  
O primeiro que occupa a Cabeceira  
É o tolo Aguilar ; sem comprimento  
Entra logo a cevar a féra gula ;  
Exemplo , que os mais seguem vorazmente.  
Brilha nos cópos o rosado sumo ,  
Que desterra a cruel melancolia  
Da meza festival , — reina a Saude !  
Mas de todos tu foste , oh gram Gonsalves ,  
Quem as primicias cólhe ; todos brindaõ  
A teu grande valor , á tua astucia ;  
Em quanto tu , no collo recostado  
Da prezada Consorte , entre os seus mimos ,  
Do Bispo , e do Deaõ te estavas rindo.  
A Alegria reinava em toda a meza :  
Mil chiftes , mil apodos , mil pilherias  
Giravaõ sem ceffar ; sua Excellencia  
De todos era o alvo ; todos nelle  
Malhavaõ fatisfeitos , e contentes ,  
Posto que era malhar em ferro frio.  
Uns a brilhante escolha lhe louvavaõ

Dos Synodas Theologos , do Arronches ,  
Eximio Prégador , que leo inteiro  
O Livro dos Conceitos predicaveis ,  
O Zodiaco sob'rano , e outros muitos ,  
Que na Escola Capucha estaõ em preço ,  
Do Guardiaõ dos Capuchos , do Roquete ,  
Thomista petulante , e confiado.  
Outros a prepotencia celebravaõ ,  
Com que de motu proprio , um pobre leigo  
Despejar promptamente fez , das Casas ,  
Para nellas viver o seu barbeiro.  
Este a grande filaucia encarecia  
Com que a Portuense mitra na cabeça ,  
E seu bago reger já se suppunha ,  
Officios repartindo , e Dignidades.  
Aquelle murmurava da arrogancia ,  
Com que Ministro eleito á grande Roma  
A julgar-se chegou , e rodeado  
De Pages petulantes , e Lacayos ,  
Já o Tibre affoberbar , e as verdes margens  
Em malhados frizões imaginava.  
E todos , sem respeito , blasfemavaõ  
Da fatal ignorancia , cu liberdade ,  
Com que a pezar dos Canones sagrados ,  
Benéficos curados entregava  
De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu , gentil Roupaõ de fresca Xita ,  
Com que á grande janella empanturrado  
Da inutil , ociosa Bibliotheca ,  
Nas noites de Veraõ a calma passa ,  
As suas tezouradas escapaste.

Entre tantos motejos , só , callado ,  
Chupando os dedos , e roendo os ossos ,  
Comia , e mais comia o Dom Alarve ;  
E algum caso fatal , de quando em quando ,  
Todo cheio de espanto , recontava  
Do anno historico , o grosso , e torto Silva ;  
Quando , subitamente ( caso horrendo !  
Que as carnes faz tremer ao repeti-lo ! )  
O velho Gallo , que n'um prato estava ,  
Entre frangaõs , e pombos lardeado ,  
Em pé se levantou , e as nuas azas  
Tres vezes sacudindo , estas palavras ,  
Em voz articulou triste , mas clara :  
— Em vaõ , cruel Deaõ , em vaõ celebras  
Com nosso sangue o prospero successo ,  
Que a futura victoria te promette ;  
Que por fim cederás a teu contrario. —

Disse : e cahindo sobre o grande prato ,  
Sem mexer-se ficou. Neste momento

Um gelado suor dos Circunstantes  
Banha as pallidas faces ; os cabellos  
Nas fronte's se lhe erriçaõ ; largo espaço  
Immoneis ficaõ , sem dizer palavra.  
Mas o perdido espirito cobrando ,  
Se levantaõ tremendo , e pela terra  
A recheada meza baqueáraõ :  
Tres vezes se benzêraõ c'õ a maõ toda ;  
Tres vezes , mas em vaõ , esconjuráraõ  
O fatal Gallo , que jazia morto ;  
E mil , a infauſta Ceia , dando ao Démo ,  
Se foraõ , facudindo os calcanhares.

## CANTO VIII.

**N**a superior instancia introduzida  
A grande Appellação , ardia a guerra.  
Dous Rabulas famosos trabalhavaõ  
Em offuscar das Partes o direito.  
Quantos rançosos livros , que jaziaõ  
Sepultados em pó , meios-comidos  
Da cruel , e voraz , maligna traça,  
Tornáraõ outra vez a vêr o dia !  
A Excellencia , a Discordia , a Senhoria ,  
Cada uma de per si os excitava ;  
E sobre tudo a fome devorante  
Do luzênte metal , que o Mundo encanta.  
De papel muita refina , em letra grifa ,  
Onde , a montões , os Textos , os Doutores ,  
Sem ordem , e sem tempo se allegavaõ ,  
Cada qual , de si pago , tinha escrito.

Quando o Genio feroz das Bagatellas  
Uma fiel balança nas mãos toma ,  
E n'um dos aureos discos põe attento

As razões do Deaõ , n'outro as do Bispo ;  
E vendo que estas tinhaõ maior pezo ,  
Talvez por terem mais papel , e tinta ,  
Por um geral Edicto á Corte chama  
Os vaidosos Magnates , e em senzala ,  
Com féra continencia , assim lhes disse :  
» Nunca a pensar cheguei , que em meus vassallos ,  
Que do orbé a estimação , e o ser me devem ,  
Taõ louco algum houeffe , e taõ ingrato ,  
Que combater ou fassse meus projectos !  
Mas o tempo , que a todos defengana ,  
Me mostrou quanto errava , e quaõ perdidos  
Saõ , com ingratos , grandes beneficios !  
Este enorme attentado merecia  
Um castigo exemplar ; mas a Clemencia ,  
Companheira fiel do meu Imperio ,  
A espada me suspende , na esperança  
Da prompta emenda. » Aqui fitando os olhos  
Na pallida , e confusa Senhoria ,  
Desta sorte profegue em seu discurso :  
» É pois minha vontade , ordeno , e mando ,  
Sob pena de incorrer no desfagrado  
Do meu Real Favor , de abrir os olhos  
Do mundo fascinado , e de mostrar-lhe  
Que nada tem de real vossas Pessoas ;  
Que todos são fantasticas Chyméras :

Que nenhum de vós-outros se intrometta  
No famoso litigio , que hoje corre  
Entre o Bispo , e Deaõ da Igreja d'Elvas. »  
Sevêro , isto dizendo , se retira ,  
Deixando a todos tristes , e confusos.

Mas a vãa Senhora , que conhece  
A quem as ameaças se encaminhaõ ,  
Vendo , por este modo as mãos atadas ,  
Para seguir o empenho começado ,  
A carpir , se retira , n'um deserto ,  
Sua grande desgraça , envergonhada.

Entre tanto o Deaõ confuso , afflicto  
Passava as horas , na memoria tendo  
Do lardeado Gallo o infausto annuncio.  
Pouco e pouco a cruel Melancolia  
O devora , e consome ; não graceja ,  
Como d'antes usava , co' a familia :  
Mas em seus pensamentos abysmado  
Comia pouco , pouco repousava ,  
Nem joga , nem Caffé , nem Chá bebia.  
No pico d'um rochedo solitario ,  
Entre as trevas da noite carregada ,  
Taõ lugubre gemer de quando em quando ,  
O feio , e rouco Mocho não se escuta ,

Como o pobre gemia retirado  
No escuro canto d'uma nua fala.

Então a zelosa Aina , a quem penetra  
Do afflicto Patraõ a grave pena ,  
Um dia lhe fallou por esta fórma :  
— Que tem , Senhor Deaõ ? que magoa é effa ,  
Que taõ mudado o traz do que antes era ?  
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado !  
Essa cara , Senhor , que n'outro tempo ,  
Era cara de Pascoas , taõ alegre ,  
Taõ gorda , e Reverenda , taõ affavel ,  
( Até para os seus Servos ) taõ mudada  
Está do que já foi , que hoje parece  
Uma cara de angustias ! Naõ focega ;  
Mas em triste silencio sepultado ,  
Nem toina o seu Caffé , nem joga o Wisth !  
Supponho que lhe déraõ mai de olhado !  
Ali ! se effe for seu mal , prompto remedio  
Em mim encontrará : pois do quebranto  
Sei benzer , e curar por mil maneiras :  
Porém , se a causa é outra , naõ m'a occulte ;  
Que talvez lh'eu descubra algum alivio :  
Pois , mil vezes , na plãnta desprezada ,  
Está de grave enfermidade a cura. —



» Ama ( diz o Deaõ ) para que é tonta ?  
Por ventura não sabe o graõ litigio ,  
Que trago com o Bispo ; em que meu brio ,  
O meu ser , minha gloria se interessaõ ?  
Não se lembra tambem do infausto agouro  
Do lardeado Gallo ? Que mais causa  
Em mim pertende pois de viver triste ?  
Oh ! se os Aíltros crueis tem ordenado  
Que eu a demanda perca , de repente  
Me verá estalar sem frio , ou febre ,  
Entre as barbaras mãos deste desgosto. »

— Senhor Deaõ ( replica entaõ a Ama )  
Se da sua tristeza é essa a causa ,  
Tem por certo razaõ para affligir-se :  
Supposto , que não é o mal taõ grande ,  
Que não possa remedio ter ainda.

Eu , sendo moça , instituida  
Fui nas artes da Madre Celestina ,  
Pela velha Canidia : muito trato  
Tive entaõ com o sabio Abracadabro ,  
Famoso Encantador , que ainda vive ,  
Não longe deste sitio , n'uma gruta.  
Este estupendo Magico conhece  
Das pedras , e das plantas as mais raras

As occultas virtudes ; sabe a lingua  
Das Aves , e Animaes ; com seus conjuros  
Muda as louras fearas ; sobre a terra  
Mil vezes faz descer trovões , e raios ;  
Arranca do alto Ceo a branca Lua ;  
Em negro Urso mil vezes se converte ,  
Mil em Lobo Cerval , e mil em Touro :  
Este pois mudar póde do Destino  
As Leis , e a Natureza ; e mentiroso  
Tornar ( se lhe parece ) o triste agouro  
Do diabolico Gallo. A consulta-lo ,  
Se for do seu agrado , iremos ambos. ...  
Disse : e o Deoó suspenso largo espaço ,  
Sem saber resolver-se , mudo fica.  
Umaz vezes se anima , outras receia  
Do Magico feroz o horrendo aspecto.  
Naõ de outra forte está Carvalho annofo ,  
Que em torno , pelo pé , sendo cortado ,  
Pendente d'um só fio , com a quèda  
Cem partes ameaça , e a verde cópa  
A nenhuma por longo tempo inclina.  
Finalmente , o desejo da victoria  
Vence o frio temor, Tanto em seu peito  
Póde a Riva , póde a cruel Vingança !  
Dando um grande gemido , estas palavras  
Do mais intimo d'alma afflicto arranca :

» Vamos , Ama , buscar o grande Sabio ;  
E veremos se tem meu mal remedio. »

Era alta noite , e a terra esclarecia  
Com duvidosa luz a branca Lua ,  
Quando o Deaõ , pela Ama conduzido  
A um monturo se foi , onde ambos juntos  
Se despem promptamente , e untando o corpo  
Com sangue de Morcego , e de Toupeira ,  
Sobre fardidas pennas se espojáraõ.  
Entaõ o corpo todo agita , e move  
Com medonhos esgares , e rosnando  
Em baixo som , por entre os podres dentes,  
Certas palavras a espantosa Velha ,  
Ao farsante Deaõ diz aõodada :  
= Voemos.= E n'um ponto ( cousa rara ! )  
E que igual nunca fez Juan de las Vinhas !  
Pelos ares voáraõ livremente ,  
Procurando do Archimago a morada.  
De Alcaçova o Prior , homem vexado  
De nocturnas visões , que entaõ a casa  
Do Nunes Bacchanal em companhia ,  
D'um puxativo escalda , se tornava ,  
Vendo alçar-se da terra os negros vultos ,  
Arranca da brilhante Durindana ,  
E o capote traçando velozmente ,

Põe-se no reto , parte , atira um furo ,  
 Faz pé atraz ; mas tropeçando acaço  
 N'um podengo , que á força de pedradas ,  
 Os travessos rapazes tinhaõ morto ,  
 De costas se estendeo na dura terra ,  
 Coberto de vergonha , esterco , e lama.  
 Entaõ mais furioso se levanta ;  
 E c'um golpe mortal a partir torna.  
 ( O Pejo , e o Furor lhe dóbra as forças ! )  
 Berra , salta , esconjura , põe preceitos ,  
 Sem descansar , talhando os subtis ventos :  
 Mas tudo em vaõ ; que leves , e seguros ,  
 Nadando pelos ares , se sumiraõ  
 Os novos Antropógriphos nas nuvens.  
 Tu só , nesta aventura , infeliz Nunes ,  
 Provaſte a furia do pezado braço ;  
 Pois , ao vibrar um talho o Dom Quixote ,  
 C'o rabo te chegou da rija espada ,  
 Pregando-te um gilvaz pelos focinhos ,  
 Com que em duas te fez a aguda barba .

Nas entranhas d'um monte solitario ,  
 Que entre as nuvens esconde a calva fronte ,  
 Assiste Abraçadabro , a quem patentes  
 Os profundos mysterios da Cabala ,  
 E todas as leis saõ da Onomania .

Mil Globos , mil Compaffos , mil Quadrantes  
Confufos jazem no fombrio alvergue :  
Alli Bethyles ha , ha Chelonites ,  
Corações de Toupeiras , ha entranhas  
De vaós Camelões , ha pedras d'Ara ,  
E magicos espelhos , ha cabeças  
De mortos animaes , Lameiras Virgens ,  
Hipomanes , Mandragoras , e outras hervas ,  
Á luz colhidas da nascente Lua ,  
Nas campanhas do Ponto , e da Theffalia.  
Aqui Ama , Deaõ defcem , a tempo  
Que á mal-acçesa luz d'uma Lanterna ,  
Um Talifinan o Magico compunha.  
Ao feio afpeito do fatal hofpicio ,  
As carnes ao Deaõ se arripiáraõ.  
Começa a vacillar ; mas a malvada  
Velha Bruxa o segura , alenta , anima.  
Entraõ pois onde o fabio trabalhava ,  
E prostrada por terra a vil Carcaça ,  
Desta fórma o silencio interrompia :

Famofa Abracadabro , a cuja illuftre ,  
Alta sciencia os Fados concedêraõ  
Dominar Elementos , e Planetas ,  
Este , que vés ( eu creio o não ignoras )  
É o nobre Deaõ da Igreja d'Elvas ,

Pelo arrogante Bispo perseguido :  
 Do teu grande poder se chega ás abas.  
 Com o gordo Prelado , e seu Cabido  
 Uma demanda traz ; para vence-la  
 Tuas artes procura. Ah ! se algum dia  
 Com teu alto favor benigno honraſte  
 Eſta Serva fiel , por elle meſmo  
 A teus pés humilhada hoje te peço ,  
 Que o queiras amparar ; elle o merece  
 Por triste , e desvalido , e pelo grande ,  
 E profundo respeito , que tributa  
 A teu alto Saber , ás tuas barbas. —

Aqui o Velho Magico lhe torna :  
 » Nada do que tu dizes me é occulto ;  
 E por elle , e por ti provar intento  
 Quanto minha arte póde. » Isto dizendo  
 Todos tres se ſabiraõ da caverna ,  
 E á mal-diſtincta luz da frouxa Lua ,  
 Sobre a raza Campanha Abracadabro ,  
 Com uma curta vara , quatro linhas  
 De circulos pequenos logo traça :  
 A eſtas linhas junta tres fileiras  
 De outras , iguaes em tudo , quatro linhas ;  
 E entre ſi alguns circulos unindo ,  
 Dellas varias figuras prompto fórma :

Umas se chamaõ Mãis , as outras Filhas ,  
Testemunhas , e Arbitros ; isto feito ,  
Diversas hervas queima , e murmurando  
Tres vezes, ao redor, certas palavras ,  
Começou a tremer toda a montanha ,  
Cem espantosas féras , cem serpentes  
Se ouvem bramir , silvar ao mesmo tempo.  
Entaõ na frepte do Deaõ pellado  
Os cabellos , que ainda lhe restavaõ ,  
Em espetos se tornaõ , pelas veias  
Subitamente o sangue se lhe géla.  
Mas quando vio sahir da rude furna ,  
Horrendamente uivando , um Caõ medonho ,  
De negro , espesso , retorcido pelo ,  
Que lança pelos olhos triste fogo ,  
E chegar-se do Magico ás orelhas ,  
De todo perde a cor , o alento perde :  
Tres vezes quiz fugir , e tres o Medo  
Os passos lhe embargou : immovel fica ,  
E semi-vivo respirar não póde.  
Passado finalmente um breve espaço ,  
Com horrendo fragor se abre a Terra ,  
E crepitantes chamas vomitando ,  
Em seu ardente seio o monstro esconde.

Entaõ , deixando o Bruxo o féro encanto ,

Para o Deaó se volta , e nestes termos  
Com feia catadura lhe responde :

— Em fim não ha remedio : nada pôdem  
C'o Fado inexoravel meus conjuros :  
Nos duros diamantes tem escrito  
Que a lide perderás. — A estas vozes  
Todo o valor cedeo do heroico Lara :  
Começou a tremer , e sobre a terra  
Sem alentos cahio , e sem sentidos.  
Sobre elle se debruça a torpe Velha ,  
Chorando amargamente. Abracadabro  
Á gruta corre , d'onde , compassivo  
Trazendo um negro frasco , todo cheio  
D'um espirito vital , lh'o arruma ás ventas.  
Entaó um gram suspiro derramando  
O Deaó abre os olhos , e começa  
A cobrar os alentos , que perdêra.  
Por largo espaço o deixa o Nigromante  
Repoufar em descanso , até que ao vê-lo  
De todo do desmaio recobrado ,  
Com mofa , e compaixaó assim lhe falla :

— Não cuidei , que taó pouco esforço tinhas ,  
Preguiçoso Deaó , imbelle , e fraco :  
Que uma sentença contra ti vibrada  
Te fizesse perder de todo o alento :



Mas és Cónego em fim , e tanto basta !  
 Ignoras tu acafo que as desgraças  
 Pedras de toque faõ , onde os quilates  
 Das grandes almas sempre resplandecem ?  
 De mais , que os duros Fados taõ injustos  
 Naõ faõ para contigo , que vingança ?  
 A teus grandes aggravos naõ permittaõ : —

Ao echo da vingança o antigo esforço  
 Cõbra o pallido Lara ; e alvoroçado  
 Esta pergunta faz ao velho bruxo :  
 » E que vingança é effa , Abracadabro ,  
 Que o Fado me promette ? » Entaõ o fabio  
 Com severo semblante lhe responde :

— Virá á succeder-te no Déado  
 Um novo Heróe da tua mesma raça.  
 Este , sendo tambem indignamente  
 Pelo orgulhoso Bispo injuriado ,  
 Porque á porta recusa do Cabido  
 Ir , como tu , a off'recer o Hyffope ,  
 Para em salvo se pôr de seus insultos ,  
 Deixando , sabiamente aconselhado ,  
 De venaes Magistrados o recurso ,  
 Refugio buscará nas santas Aras  
 Onde Themis preside , e firme asilo

Achaõ contra a violencia os Opprimidos.  
 Os Ministros da Deosa , que zelosos  
 De seu altar , e culto , attentos seguem  
 As pizadas do Principe famoso ,  
 Que dando ao Sacerdocio , ao Sceptro dando ,  
 O que é do Sacerdocio , o que é do Sceptro ,  
 Tem de ambos os poderes felizmente  
 As sagradas balizas assignado ,  
 E defendem com prompta vigilancia  
 Da Real Jurisdicção os justos termos :  
 Ao Bispo mandarão , por seu Decreto  
 Que a razão deste excessso logo assine.  
 A fatal vista do imprevisto golpe ,  
 Taõ consternado fica o bom Prelado ,  
 Que com fraqueza vil dolosamente  
 ( Acção bem digna só d'um home' indigno ! )  
 Do livro mandarã riscar as multas :  
 Negará tê-las feito , e negaria ,  
 Se necessario fosse , o mesmo Christo.  
 Entaõ desistirá , cheio de medo ,  
 Da pertendida posse , e seus direitos :  
 E a pelle convertendo na apparencia ,  
 De féro Lobo , se fará Cordeiro. —

Disse : e o Deaõ , de ouvi-lo satisfeito  
 Mil graças dava aos Fados , dava ao Sabio ,

Mil á Velha , que a vê-lo o conduzira.  
Já a Aurora , deixando enfastiada  
Do potroso Titaõ o frio leito ,  
Sobre o Carro , de aljofres guarnecido ,  
Com um môlho de rosas excitava  
Ao veloz curso as remendadas Pias ,  
Que os freios mastigando de diamante ,  
Por olhos , e por ventas scintillavaõ  
Tremulos raios , que de luz cobriaõ  
Os longo-apavonados horizontes :  
Quando a Velha, o Deaõ , ambos deixando  
O grande Abracadabro , e sua gruta ,  
A descansar da longa ameijoada ,  
Para Casa velozes se partiraõ.

Era já alto dia , e retumbava  
Em alegres repiques Elvas toda ,  
Quando o Deaõ acorda ao grande ruído ,  
E chamando os Criados lhes pergunta ,  
Qual do grande Zaõ-Zaõ era o motivo.  
Entaõ o Cozinheiro , debulhado  
Em lagrimas , lhe conta , que a noticia  
De ter vencido o Bispo o grande pleito ,  
Que trazia com sua Senhoria ,  
Tinha , ha pouco , chegado por um Proprio :  
Que em todas as Igrejas não havia.

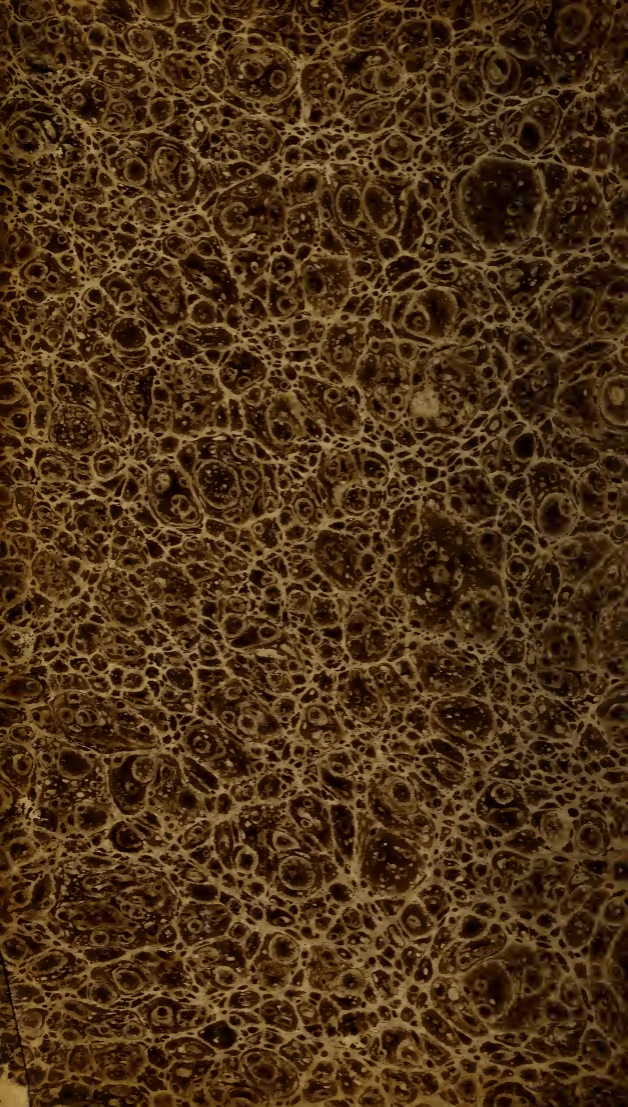
Sino grande , Matraca , ou Campainha  
Que , em final de prazer , se não tocasse.

Acabou o bom servo a triste arenga ,  
De seu peito exhalando um grão soluço :  
Mas sua Senhora consolado ,  
Da futura vingança com a imagem ,  
Sem alterar-se , ouviu a infeliz nova.

F I M.

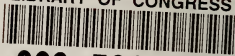


*Copy*





LIBRARY OF CONGRESS



0 029 561 857 7